

DIARIO DE JOAO CARLOS CAETANO

NO ANO DE 1952

DE SÃO MIGUEL À GROENELANDIA

Já se passaram três dias desde que saímos do porto de Ponta Delgada, rumo aos Bancos da Terra Nova. Estamos a navegar com vento Norte e levamos os panos todos em cima menos o redondo, que é içado no mastaréu do traquete e no da vela grande quando o vento e da alheta ou pela popa, vamos com a velocidade de sete milhas por hora, o que é considerado boa atendendo a que vamos a navegar só à vela, porque o motor além de fraca potencia vai a trabalhar no mínimo, só trabalhando no máximo quando está calma, ou quando está vento pela proa, ou é preciso por o navio de capa.

Hoje são vinte de Abril, partimos de Ponta Delgada no dia dezoito deste mesmo mês e como moço de convés na minha terceira viagem que será a ultima, pois para o ano já terei que embarcar como pescador verde, pois é assim que são denominados os pescadores que pela primeira vês vão pescar num bote a que chamamos dóry, e vou aproveitar o bom tempo que faz, isto é, sem muito balanço para escrever umas linhas e contar o que se passa num navio que vai pescar bacalhau aos Bancos da Terra Nova e Groenlandia, e como os pescadores tem de se preparar para a faina da pesca

Eu como os outros moços pouco temos que fazer, a não ser quando somos chamados a ré para dar a palamenta aos pescadores, pois quando principiar a pesca eu direi com mais pormenores o que os moços tenham que fazer, moços estes que são oito, e que terão cada um as suas funções definidas pelo imediato e pelo S. Fernando que é o primeiro motorista.

Entre estes moços esta o moço da câmara que é de Ílhavo, que é da Graciosa, o António da Afurada e também está um moço que ajuda na cozinha na hora das refeições.

Como o vento começou a acalmar, tivemos que arrear as estensulas, que são velas quadrangulares que são içadas no cimo do mastaréu do traquete, e no mastaréu da vela grande.

São dez horas da manhã e por nosso estibordo estamos a avistar as ilhas das flores e do corvo que mais parecem dois pequenos ilhéus perdidos no meio do oceano, no dia anterior, e também pela manhã avistamos a ilha Terceira e a ilha da Graciosa e de tarde as ilhas do grupo central compostas pelas ilhas de S. Jorge, faial e pela ilha do Pico sendo esta ilha a elevação mais alta de Portugal.

Estamos a deixar para traz as ilhas das Flores e a do Corvo, é quase meio-dia, hora do render do quarto portanto é hora do almoço. Os quartos de que escrevo aqui, não são quartos de dormir, pois que no Oliveirense não há desses quartos, pois os pescadores dormem em pequenos beliches, que são como gavetas uns por cima dos outros, e outros na parte dianteira do navio onde está o fogão e a mesa onde os pescadores comem.

Há no navio dois quartos que são a divisão dos pescadores em dois grupos de trabalho, sendo um comandado pelo capitão e o outro pelo imediato que são os encarregados pelas manobras do navio, tais como içar e arrear os panos e estão atentos às manobras que é preciso fazer.

Apesar de o capitão ser o chefe de um quarto, ele com os seus afazeres como comandante do navio, delega os seus poderes como chefe do quarto ao contra mestre, que é um pescador experiente e com carta de marinheiro, que é o Manuel Botas, sendo o capitão o S. José Simões Ré.

Os quartos são divididos quando o navio sai de Lisboa, e como o navio sai sempre de tarde, o primeiro quarto é do capitão e principia sempre às seis horas da tarde depois do jantar.

Depois de comerem, vestem as suas roupas de oleado quando está mau tempo, mas quando o tempo está bom vestem as suas samarras e vão para o convés fazer qualquer trabalho que o contra mestre lhe destine, tais como içar e arriar os panos quando é preciso, render as vigias e render o homem do leme.

É interessante notar que há uma pequena cerimónia ao render o homem do leme, pois o pescador que o vai render diz; Deus seja louvado; ao que o pescador que vai ser rendido por sua vez responde; para sempre seja louvado; depois diz lhe o rumo que está a navegar, o que vai render repete o rumo ao mesmo tempo que toma conta do leme.

O quarto do capitão é rendido a meia-noite pelo quarto do imediato, o contra mestre dá lhe o rumo que o navio esta a navegar, dá os seus pareceres quanto ao que passa no navio para que este prossiga o seu caminho em segurança.

Conforme o vento esta a soprar, talvez seja preciso fazer alguns trabalhos tais como, caçar as escotas, se o vento rondar para a proa, ou arriar quando o vento esta mais do traves ou de alheta, ou segurar melhor os botes ou outros serviços de segurança quando está mau tempo, como arriar os panos ou por o navio de capa quando o vento e muito e não se possa navegar com segurança, ficando só içado o triangulo para estabilizar o navio. Nestas ocasiões o motor trabalha a meia força para estabilizar parado e não andar para diante para evitar prejuízos no navio.

23 DE ABRIL DE 1952

Facto curioso é o modo de render dos quartos, principalmente o da meia-noite e o das quatro horas da manhã.

Um pescador, neste caso um mais antigos, acompanhados de outros pescadores, dirige-se para a porta do rancho e ao cimo das escadas para este entoando a seguinte estrofe que é comum todos os navios bacalhoeiros, segundo me disseram os pescadores mais antigos, que já tinham passado por outros navios, e que é cantado assim.

SEJA LOUVADO E ADORADO
O SANTO NOME DE JESUS
QUE POR CAUSA DOS NOSSOS PECADOS
FOSTE PREGADO NA CRUZ

FOSTE PREGADO NA CRUZ
PELOS NOSSOS PECADOS
A VISTA DESTES AOS CEGOS
E CURA AOS ALEIJADOS

SEJA LOUVADA TAMBEM
A DIVINA VIRGEM MARIA
DEUS NO DE BOA VIAGEM
NOSSA SENHORA NOS GUIE
JÁ BATEU A MEIA-NOITE

QUATRO HORAS VAO PARA O DIA
VENHA UM HOMEM PARA O LEME
VENHA DOIS PARA A VIGIA

VENHA O RESTO DO QUARTO
PARA FAZER COMPANHIA
NOSSA SENHORA NOS GUARDE
QUE NOS GUIA E ALUMIA

Estas cantigas, enquanto eu embarquei no Oliveirense, foi sempre cantada por um pescador da Gafanha da Nazaré e a quem chamavam João Gafanhão.

Depois de tomar o café, os pescadores que estavam de descanso, subiam para o convés um ia para o leme, dois iam render os que estavam de vigia em cima do espardeque da proa.

O resto dos homens, que já estavam preparados conforme o tempo que fazia, já comandados pelo contra mestre ou pelo imediato conforme o quarto que estava de serviço, iam fazer os trabalhos que eram precisos fazer tais como içar ou arriar os panos, cassar ou arriar escotas conforme o tempo que fazia, e fazer vistoria ao navio para ver se estava tudo em ordem. Os homens do quarto que tinham estados de serviço e que tinham sido rendidos, iam tomar café e depois iam descansar até às quatro horas da manhã, hora a que então se dava os louvados e se mudava de quarto.

25 DE ABRIL DE 1952

O dia amanheceu claro e sem vento, navegamos com os panos em baixo só o triângulo estava içado para dar estabilidade ao navio, pois este pano fazia com que o navio rolasse menos.

Estava uma pequena aragem do sudoeste e o navio dava as suas cinco milhas à hora movido pelo seu pequeno motor.

Eram seis horas da manhã quando o contra mestre veio avisar os pescadores que iam ser distribuídos o material que era preciso para aparelhar os dorys, tais como, os remos os mastros para as velas, as forquetas para os remos forquetas, a ancora, grapolins que eram umas pequenas ancoras de quatro unhas para prender o trol e o balão quando se principiava a largar o aparelho para o mar.

Fui chamado à ré com os outros moços para tirarmos os apetrechos onde eles estavam e que se chamava a rabada, porque estava no lugar mais a ré do navio. O capitão ia distribuindo estes aparelhos aos pescadores e ia tomando nota dos que iam recebendo e ao também dando os números dos seus botes. E de acrescentar que os pescadores que tinham embarcado no ano anterior no navio, tinham os mesmos números dos seus botes, enquanto os que embarcavam pela primeira vez e que iam sabendo os números dos seus, que era para depois o íram aparelhando.

Depois estes pescadores que eram do quarto do capitão, que já tinham recebido os seus apetrechos, guardaram nos seus beliches estes mesmos aparelhos que eram as linhas para o trol, o gagim para os estralhos, os anzóis, as nepas, que eram dois pequenos aros de borracha com uma fenda ao meio que servia para alar os seus aparelhos de pesca, depois vieram para o convés e começaram a espalhar os botes no convés e então cada um começou a arranjar o seu bote.

Como já se tinha acabado de distribuir os aparelhos a todos os pescadores incluindo os do quarto do imediato que eram do lado de estibordo, eu fui ajudar alguns pescadores de S. Miguel, a arranjar os seus botes

O primeiro a quem ajudei foi o tio Manuel Tachinha, pescador de cerca de cinquenta anos de idade e que já tinha muitas viagens como pescador bacalhoeiro

Era preciso por o rodo, que era um cabo de três oitavos de espessura onde se ligava a âncora que servia para amarrar o trol quando se acabava de largar o aparelho, ao mesmo tempo que a ancora servia para ancorar o bote.

Tinha-se de amarrar as forquetas com bocados de linha às sarretas do bote que era para estas não caíssem ao mar, por pinhas nos remos para estes não escorregassem para o mar, acertar os bancos, os quetes, que eram anteparas que serviam para que o bacalhau não escorregasse para o meio do bote onde ia o pescador, tinha que se acertar o mastro onde o pescador içava a vela, enfim tinha que se por os botes aptos para que estivesse tudo pronto quando do primeiro dia de pesca

O capitão também distribui a toda tripulação, incluindo todos os pescadores, os moços, os dois maquinistas e aos dois cozinheiros, um par de botas de borracha de cano alto, também deu a alguns pescadores que o desejassem um par de botas de cabedal e sola de madeira até ao joelho boas estas mais resistentes do que as botas de borracha, mas estas para pagar, e deu a todos seis pares de luvas de lã.

Depois dos pescadores do quarto do imediato e do capitão terem recebidos os seus apetrechos, foram guardar nos seus beliches as linhas, os anzóis e o gagim para os estralhos pois quando os botes estivessem todos prontos tinham fazer o seu aparelho, esticar as linhas cortar o gagim com um metro de comprimento para fazer os estralhos para depois os porem no trol à distancia um do outro e que depois eram postos num cesto redondo, que também foi distribuído a cada pescador, assim como uma ceira de palhinha para levar o isco havia a bordo uma grande azáfama, porque tínhamos que aproveitar este bom tempo para se preparar todos os botes, pois que estando estes espalhados pelo convés eram presa fácil por ondas que galgassem a borda do navio. Que os podiam destruir ou arrebatam alguns para o mar, porque sendo o navio de borda baixa os pescadores tinham que se apressar e por isto toda a ajuda era pouca para por os botes em condições e em segurança para que quando chegassem aos bancos estarem prontos para a faina da pesca. Para fazer fui ajudar o tio Manuel Tachinha, que era um pescador de S. Miguel e que já tinha muitas viagens e muita experiência neste género de trabalho, rapidamente o seu bote ficou pronto, porque enquanto ele ia arranjado a vela, os quetes assim como os bancos eu arranjava e amarrava as forquetas às sarretas e fazia as pinhas para os remos, atava a ancora ao cabo de ancorar e arranjava o grapolim, que como já disse era uma pequena ancora de quatro unhas que servia para fixar o aparelho de pesca ao fundo e evitava que o aparelho garrasse, levamos duas horas com este trabalho, o o bote depois de pronto foi posto na pilha em cima dos outros que já estavam prontos e fomos ajudar outros pescadores, que por serem sozinhos levavam mais tempo do aqueles que tinham ajuda.

Finalmente todos os botes foram sendo aparelhados e depois de prontos foram sendo empilhadas em oito pilhas de seis botes cada, sendo quatro a bombordo e quatro a estibordo ficando duas à ré defronte da casa do leme e duas a meia-nau, à ré do salto e defronte do mastro grande, depois foram peadas em quatro argolas que estavam presas ao convés duas à proa e duas à ré dos botes e destas sendo amarradas às alças dos botes desde o primeiro bote até ao ultimo de cima.

Resta dizer que estes trabalhos serviam para mim, como uma aprendizagem, pois esta viagem seria o meu terceiro e ultimo ano como moço pois que na próxima viagem seria como pescador verde e era bom eu ajudar os pescadores na sua tarefa de arranjar os botes e de fazer os seus aparelhos pesca porque eu aprendia tudo o que um pescador que vai pela primeira vês arriar num bote, portanto este contacto de aprendizagem com os pescadores abriu-me os olhos para a maneira como se deve preparar um pescador que

vai pela primeira vês contar só consigo para os trabalhos que terá que fazer quando tiver de trabalhar num bote entregue a si próprio.

Havia no Oliveirense cinquenta e seis tripulante, quarenta e quatro pescadores, seis moços, cozinheiro e ajudante e o capitão e o imediato. Os pescadores os moços o cozinheiro e o ajudante, dormiam em beliches no bico da proa a bombordo e a estibordo, que eram como gavetas umas por cima das outras. A meio havia uma mesa onde comiam os pescadores e os moços e também havia um fogão a carvão onde eram cozinhados os alimentos. Atrás do fogão havia um compartimento onde estavam guardados os alimentos tais como sacos de batata, sacos de arroz, barricas de farinha azeite vinho e vinagre, leite em pó e também feijão e grão-de-bico e bacalhau salgado.

Os trabalhos dos moços em viagem não era muito, só quando era preciso dar aos pescadores os aparelhos, assim como linhas, anzóis e outros aparelhos de pesca, é que éramos chamados à ré onde iríamos tirar estes aparelhos onde estavam guardados e onde o capitão os distribuía ao pescadores, e era por isto que nos íamos ajudar os pescadores a aparelharem os seus botes, ao mesmo tempo que como futuros pescadores também íamos aprendendo como devíamos aparelhar os nossos os nossos botes e fazer os nossos aparelhos de pesca.

Entretanto o tempo continuava bom, não caia a mais pequena aragem e o navio ia dando as suas cinco milhas à hora com o seu velho motor, mas o capitão mandou avisar os pescadores que se apressassem a limpar o convés e guardar no escorredor tudo o que o mar pudesse levar, pois que os navios que iam à nossa frente estavam se a deparar com vento fresco do Noroeste, o que era mau sinal para nos, pois com este vento iríamos navegar com vento pela proa.

São seis horas da tarde, estamos a navegar com uma pequena brisa do Noroeste e estou a aproveitar este bom tempo para escrever umas linhas, como acabamos de cear e os pescadores mudaram de quartos, alguns começaram a contar histórias de campanhas anteriores, ate havia um pescador chamado tio Frazão que andava há dois anos a contar a história de Carlos Magno e dos doze pares de França e que ainda não tinha acabado e que com certeza ainda tinha história para ano e para o outro.

No dia anterior não se passou nada de anormal no navio só que estive enjoado até este dia e por isto não escrevi nada, agora os pescadores já tem os seus botes preparados e agora vamos esperar que o tempo melhore para prepararem os seus aparelhos, pois com o mar a entrar dentro do navio não se pode esticar as linhas para se por os estralhos e os anzóis por haver mar a entrar dentro do navio e como o vento era pela proa, também o velame estava em baixo e os pescadores estavam nos seus beliches à excepção do pessoal do quarto de serviço que estava vestido com as suas roupas de oleado, caso fosse preciso fazer algumas manobras, tais como içar os panos caso o vento rondasse para Norte,

Havia pescadores que tinham algumas linhas que haviam trazido de Portugal, estes punham os estralhos e os anzóis no rancho, e assim iam adiantado algum serviço enquanto outros conversavam e esperavam pelo bom tempo para esticarem as suas linhas no convés, entretanto o contra mestre veio avisar o pessoal de serviço que os navios que iam à nossa frente iam com vento Norte de vinte nós e que provavelmente ainda esta noite iria ser içados alguns panos.

Efectivamente pelas dez horas da noite estando eu ainda acordado e a escrever, foram içados os panos de proa, a vela de estai, a bujarrona e a polaca.

Entretanto eu fui dormir e quando acordei de manhã já a vela grande e o traque estavam içadas porque já tinha rondado mais para o norte e o navio estava a andar bem pois que o mar estava chã e sem vaga, com alguns pescadores a fazer estralhos e outros a ouvir o tio Frazão a contar a história dos doze pares de França.

27 DE ABRIL DE 1952

Depois de dois dias de brisa forte que soprava do nordeste, o vento começou a acalmar e só caía uma leve brisa, apesar do mar estar ainda um pouco alteroso, foram arriados todos os panos e só ficou o triângulo, pano este que raramente era arriado, pois servia para manter o equilíbrio do navio para que não rolasse muito.

O tempo estava bom, e os pescadores começaram a esticar as suas linhas e a aparelhar o seu trol porque daqui a dois ou três dias chegaremos ao Grande Banco, se o tempo continuar bom, e os pescadores tem que estar tudo pronto e em condições para se começar a pescar

Todos os moços foram chamados à ré para ouvir o S. Fernando que era o primeiro maquinista e também encarregado do porão, que nos disse que tínhamos que tirar o sal do hino do meio, que era para os pescadores salgarem o bacalhau que fossem apanhando. Como era o meu terceiro ano como moço eu já sabia o que fazer, e acompanhamos o S. Fernando ao porão munidos de pás para fazermos o trabalho que passo a descrever para melhor se perceber como é que consistia este trabalho

O navio estava dividido em nove compartimentos de bombordo a estibordo a que chamamos panas, sendo estas divididas em três hinos, um a bombordo e outro a estibordo e outro ao meio.

Primeiro tínhamos que tirar todo o sal que estava no hino do meio e dividi os para os hinos de bombordo e de estibordo, e à medida que íamos tirando o sal maior era a altura em que tínhamos que baldeado para cima com as pás, ao mesmo tempo que os moços lá em cima iam chegando o sal para os lados. E preciso dizer que os moços que estavam lá em baixo, onde eu estava incluído, eram os mais experientes, e os moços que estavam lá em baixo eram os moços novos que faziam a sua primeira viagem, tendo pouca experiência, para fazer estes serviços, como aqueles que como eu que já iam os na terceira viagem. Enfim, era o que tínhamos que fazer todos dias porque era precisa tirar o sal para que em seu lugar o bacalhau fosse salgado, pelas cinco horas já tinham tudo pronto sacudimos o sal que sempre entrava nas botas. O que fazia que estas estivessem sempre húmidas, apesar termos de mudar de botas e meias, e o que nos valia era que tínhamos dois pares de botas, porque tínhamos um par sempre a secar no rancho e que com o calor do fogão, fazia com que estas secassem.

28 DE ABRIL DE 1952

O tempo continuava bom. Está uma leve aragem que não dá para içar os panos, e os pescadores depois do café das quatro horas começaram a por os aparelhos dentro dos cestos, ror tudo em condições para que quando chegássemos ao banco estivesse tudo em condições de arrear

Pescadores que tinham trazido algum aparelho feito nas suas casas, começaram a ajudar outros que vinham pela primeira vês como pescadores verdes, isto e, pescadores que vinham na sua primeira viagem, e que tinham que fazer todo o aparelho que precisavam para estarem prontos quando chegassem ao grande Banco, e eu como futuro pescador verde na viagem seguinte também ajudava outros pescadores e assim ia aprendendo a fazer o meu próprio aparelho e ao mesmo tempo estava entretido num trabalho que no futuro me ia servir.

Assim passamos este dia a trabalhar e sem outros acontecimentos digno de registo, a não ser que ao render o quarto das seis horas, os pescadores foram avisados pelo contra mestre, que estava uma baixa a Noroeste, e que tínhamos que acautelar tudo o que estava no convés e que o quarto de serviço estivesse preparado para alguma

manobra que fosse preciso fazer, pois que havia navios que iam a frente que já iam com vento do noroeste a trinta milhas a hora. Foi uma correria de pescadores para o convés, cada qual a guardar os seus aparelhos dentro dos botes ao mesmo tempo que outros apertavam as bocas de bombordo a estibordo a ré e à proa

Eu como moço estava dispensado deste serviço e aproveitando ainda o bom tempo pus-me a escrever estas linhas porque com certeza com o mau tempo que se adivinhava não poderia escrever até que houvesse de novo bom tempo.

O que eu estou a escrever não é um diário, pois eu como moço de convés não poderia escrever diariamente, talvez lhe chamaria notas, mesmo que eu quisesse, não poderia, porque quando começar a faina da pesca não teria tempo para escrever diariamente, portanto limito-me a escrever, quando tiver tempo, uns apontamentos de coisas que se vai passando num navio bacalhoeiro desde que parti de S. Miguel até aos Bancos da terra Nova e Groenlandia e depois de volta aos Açores.

Já são dez horas da noite e o tempo continua bom, por enquanto não há sinais de mau tempo, o navio está em segurança, os botes estão fixos às argolas do convés e estão atados uns aos outros com as suas bocas e os aparelhos estão em cima dos botes, portanto podemos dormir até vir o mau tempo

Só nos faltam trezentas milhas para chegarmos aos Bancos, talvez vamos chegar nos primeiros dias de Maio, se o bom tempo continuar e não vier mau tempo, pois se este vier vamos levar mais uns dias.

31 DE ABRIL DE 1952

São seis horas da tarde, o cozinheiro tocou a campainha para que o quarto que estava de descanso cessasse, e para que o quarto que estava de serviço viesse comer e descansar, depois de dois dias de tempestade com ventos fortes até às cinquenta milhas por hora, o vento acalmou e estamos outra vez com bom tempo, e estamos a navegar com os panos arriados e só com o triângulo içado.

Estivemos dois dias de capa com vento do noroeste, o que nos impediu de navegar e por isto só daqui a dois dias, se o tempo se mantiver bom, e que devemos chegar ao Grande Banco

Foram dias de muito trabalho tanto para os pescadores como para os moços, mas o navio esteve sempre em segurança, o pior foi como o navio esteve de capa, perdemos dois dias de pesca. Estava tudo em ordem, mas os homens do quarto de serviço foram dados ordem para vestirem a roupa de oleado para o que fosse preciso, apesar de os navios que iam navegando à nossa frente estarem a navegar com bom tempo

Efectivamente com o tempo a melhorar, o mar com menos vaga, o navio começou a andar a cinco milhas por hora e agora só soprava uma leve aragem mas ainda do noroeste que soprava pela proa. Mais para a noite o vento começou a rondar para nordeste, e foram içados os panos de proa, e mais tarde foram içados a vela grande e a mezena e o navio começou a dar sete milhas à hora, o que era muito bom atendendo a que ainda havia ainda vagas de noroeste o que fazia com que o navio algumas vezes metia a proa debaixo de água e entrasse água no rancho, e por isto tínhamos que ter muito cuidado em passar de proa para a ré, para passarmos com mais segurança, antes da brisa tinha-se posto cabos de proa para a popa, fazendo um corredor onde o pessoal passava com mais segurança, para não serem levados pela borda fora, o que felizmente nunca aconteceu no nosso navio

Depois da ceia, e ao render do quarto o tempo foi melhorando, o mar ficou mais chã e pudemos em fim descansar do mau bocado que tínhamos passado. Alguns

pescadores que estavam de quarto em baixo, e que até então tinham estado nos sus beliches, vieram se sentar ao redor da mesa e ao mesmo tempo que contavam histórias de outras campanhas, outros entretinham se a arranjar os seus aparelhos. Apesar de uma aragem fresca, o navio navegava com os panos içados, menos as estensulas e o redondo íamos a navegar bem porque o mar agora estava chã e eu vou aproveitar para escrever algumas linhas porque quando chegarmos ao Banco não terei muito tempo para escrever.

1 DE MAIO DE 1952

O dia amanheceu claro e parece que vamos ter bom tempo, o mar estava calmo e o vento soprava agora do norte bonançoso e vamos a navegar bem com os panos içados e como o mar estava calmo e chã, o navio navegava suavemente, o que fez com que os pescadores viessem para o convés esticar as suas linhas para aparelhar o resto do seu trol, Apesar de a maioria dos pescadores já terem o aparelho todo pronto, alguns ainda faziam mais aparelho para que quando se perde, o que muitas vezes acontecia, já terem aparelho pronto para pescar sem terem que perder tempo a fazer outro de novo, porque quando se arriava muitos dias seguidos, não havia tempo para fazer outro aparelho e era bom ter outro pronto para substituir o que se perdia, porque como se dormia só quatro horas por isto não se podia fazer outro aparelho a não ser quando havia brisas que não dava para arriar os botes.

Neste dia fomos para o porão fazer alguns serviços como arranjar a mangueira de lona que servia para trazer o bacalhau escalado desde o convés ate ao porão, onde os pescadores, munidos de garfos o punham ao alcanço das mãos dos salgadores.

Também pusemos anzóis nalgumas linhas, aliás como fazíamos todos os anos, porque muitas vezes arriávamos estas linhas iscadas com sardinha ou lula, pela popa do navio para ver se havia bacalhau, ou então pescávamos da borda com zagaia quando não havia a bordo muito trabalho

Amanhã devemos chegar ao banco e por isto temos que fazer os trabalhos que forem precisos, para quando os botes arriassem estivesse tudo a postos e em ordem. Foi preciso grandes anzóis, a que chamamos bicheiros, que o motorista fazia, em varas de eucalipto, e que serviam para os moços que estavam à proa pegar nas boças dos botes, boças estas que era um cabo de dez braças e que servia para os moços que estavam à proa aguentaram os botes ao costado do navio, enquanto outros moços a meio do navio davam grandes garfos aos pescadores para descarregarem o pescado, depois do capitão o ter apontado numa tábuia, para dentro dos quetes de rede de aço que eram armados dois a bombordo e dois a estibordo e onde eram descarregados o bacalhau, sendo o bote depois de descarregados onde eram içados pelos pescadores e empilhados uns em cima dos outros.

Os botes tinham uma alça à proa e outra a ré, onde os pescadores os engatavam com dois teques, que eram duas varas de aço de dois metros e com uma ponta curva onde os pescadores, um à proa e outro à ré os engatavam e outros o puxavam para cima.

3 DE MAIO DE 1952

São oito horas da manhã, e segundo o contra mestre devemos chegar ao grande Banco ao amanhecer O tempo decorria sem sobre saltos, corria uma aragem de noroeste e o mar estava chã, com os pescadores a finalizar os seus aparelhos de pesca, pois se o tempo continuar assim devemos arriar amanhã.

Os escaladores tinham sido chamados à ré pelo capitão para receberem as facas para escalar o bacalhau e as pedras para afiar as facas também foram chamados os troteiros que também receberam as suas facas e pedras de afiar, enquanto os moços também recebiam as suas facas para tirar as caras e as línguas e os Samos do bacalhau . Foi um dia de azáfama a bordo, pois que tinha que estar tudo em ordem para que quando começa se a faina da pesca estivesse tudo em ordem

Havia a bordo oito escaladores , quatro a bombordo e quatro a estibordo , isto é cada escalador tinha um troteiro , assim chamado o pescador que cortava o pescoço do bacalhau e o abria até ao umbigo , passando depois a outro pescador chamado o parte cabeças, pois que lhe tirava a cabeça e lhe tirava as tripas e passando o ao escalador que por sua vez abria o peixe da cabeça até ao rabo e tirava lhe a espinha ate ao umbigo tal qual o vemos nos super mercados , deixando o cair para dentro duma selha cheia de agua donde era retirado depois de lavado por outro pescador munido de um garfo , para dentro do escorredor, para ser por sua vez posto numa mangueira, por outro pescador , que ia parar ao porão para ser salgado pelos salgadores que o põe camada sobre camada no porão do navio.

Todos os pescadores trabalhavam como uma equipa , todos sabiam as suas funções a bordo e os lugares que deviam ocupar a bordo para o bom funciona mente dos serviços do navio .

Também os moços sabiam os seus lugares que ocupariam a bordo, uns a bombordo e outros a estibordo, sempre nos mesmos lugares, sendo à proa onde pegavam nas boças dos botes outros a meia-nau onde davam os garfos aos pescadores para estes tirarem o bacalhau dos botes para os quetes, onde tiravam as línguas as caras e os Samos.

Estava tudo em ordem , o contra mestre veio avisar os pescadores para irem dormir, pois que amanhã com certeza que era um dia de trabalho , e era bom que fossem descansar , excepto o homem do leme e as vigias, pois que neste momento os quartos tinham acabado, foi posto no rancho um papel onde estavam os nomes de todos os pescadores, e era por este modo que os pescadores iriam para o leme e para a vigia. Qualquer pescador que queria saber a hora da sua vigia, bastava saber quem na ocasião estava de vigia, para a hora em que entraria de vigia.

4 DE MAIO DE 1952

Os louvados foram às quatro horas e o cozinheiro tocou o sino para o café da manhã. E preciso explicar o que são os louvados, que são as ordens que o capitão dá ao homem que está de vigia à ré e que consta de uma cantilena que e usada para que toda a tripulação que o tempo está em condições de arriar os botes; a cantiga é assim .

Seja louvado a nosso Senhor Jesus Cristo

O tempo está bom

Mestre dê o almoço

Depois de ouvirem o sino os pescadores começam a sair dos seus beliches ate encherem a mesa, porque nesta so cabem metade dos pescadores e por isto tem que ser posta mais uma vez, vestem as suas roupas de oleado calçam as suas botas de cabedal ou de borracha

Os moços já sabem que quando os louvados são às quatro horas, tinham que tomar rapidamente o café e ir para a ré safar o isco do frigorifico que era para ser

distribuída pelos pescadores Tomamos o café e fomos para a ré espera que o capitão viesse para cima e nos desse ordens para irmos ao frigorífico, que eram blocos de sardinha de vinte quilos que partíamos ao meio e dávamos metade a cada pescador.

O vento caía do sudoeste e estava um bocado fresco, estava brisa e ficamos admirados quando o capitão nos deu ordens para trazer o isco para cima do convés.

Entretanto os pescadores foram chegando, foi lhes distribuído o isco mas com o vento a refrescar cada vês mais.

Depois de todos terem recebido o isco, veio o moço da câmara com o mata-bicho que era uma pequena cafeteira com aguardente e começou a distribuir uma caneca a cada pescador.

Entretanto o capitão que estava a ouvir os comunicados dos outros navios, veio para o convés e mandou arriar os botes, que era o tradicional ; Os pescadores ficaram admirados, porque nesta ocasião já estava vento forte, mas quem manda é o capitão e portanto tem que obedecer, e começou se a arriar os botes para o mar, mas o capitão tornava a descer as escadas do salão para ouvir as conversas que os capitães dos navios que estavam perto de nós e estar atento ao que eles falavam via rádio se o tempo ia melhorar ou se por sua vês iria piorar

Entretanto ia se arriando os botes, e os pescadores como viam que o tempo não estava bom, não se aventuravam muito longe, porque o capitão desse contra ordem para suspender a operação de arriar os botes.

O vento estava cada vês mais forte e cada vês se tornava mais difícil arriar os botes, com o mar a invadir o convés o que dificultava os trabalhos atendendo aos balanços do navio Entretanto o capitão subi as escadas que dava para o camarote olhou para o mar, que cada vês engrossava mais, e mandou suspender a operação, e de arriar os botes e foi dado ordem ordenou aos moços para ser içada no mastro da mezena a bandeira para chamar os botes

A bandeira de chamar os botes era um bocado de pano negro, que era içada no mastro da mezena quando era preciso chamar os botes , sempre que havia mau tempo, ou então quando acabava a pesca do dia que era geralmente pelas quatro horas da tarde. Os pescadores que estavam perto do navio depressa vieram para bordo e os seus botes foram içados para o convés para o lugar onde eram empilhados enquanto alguns que já tinham largado algum aparelho, depressa o começaram a recolher e também vieram para bordo, sem ter apanhado qualquer peixe.

Depois que todos os botes foram içados para bordo tratou-se de os segurar amarrando os com as boças às argolas situadas duas à proa e duas a ré dos botes, e só então os pescadores se foram despir as suas roupas de oleado que eram penduradas nos cabides junto dos seus beliches, enquanto os moços guardavam no frigorífico as açafatas com o isco de todos os pescadores. Não havia o perigo, se é que perigo se pode chamar, de trocar o isco pois que os pescadores tinham as suas marcas em todos os seus pertences, como nas velas, nos remos, nos baldes e até nas velas tinham as suas marcas e que eram diferentes em todos pescadores.

Depois de guardarem o isco, os moços foram também para a proa descansar, e neste dia não houve mais nada porque o dia todo esteve brisa e só começou o tempo a melhorar lá para o princípio da noite.

14 De Maio de 1952

Depois da brisa do dia quatro temos arriado todos os dias. Não se tem pescado muito bacalhau as pescas variam entre os cinquenta e os oitenta quintais por dia, sendo o peixe bastante graúdo, e os moços tem tido bastante trabalho, pois tinham que tirar as

caras a todo o peixe só tirando as línguas aos mais pequenas e ainda guardar as espinhas para tirar os Samos que era a pele que ficavam em cima das espinhas e que é muito apreciada

Tinha muito trabalho e não tinha tempo para escrever, porque a vida do moço é muito cansativa pois é o ultimo a se deitar e o primeiro a se levantar para dar o isco aos pescadores

Num dia de pesca depois de arriarmos os botes tínhamos que tirar os Samos das espinhas , salga as nos barris que tinham servidos para trazer carne salgada e tínhamos que salgar as caras e as línguas de bacalhau em dois tanques que estavam à proa do navio, um a bombordo e outro a estibordo tanques estes que tinham vindo de Lisboa cheios de agua doce mas que agora serviam um para salgar caras de bacalhau e o outro servia para por fígados de bacalhau que era para fazer óleo. Depois de fazermos estes serviços tínhamos que fazer a limpeza do navio lavar as mesas dos escaladores as celhas, as mangueiras, o escorredor, em fim era um nunca acabar, depois de estar tudo limpo íamos almoçar por volta do meio-dia, para depois recomeçarmos o trabalho no porão que consistia na sua limpeza, por tudo em ordem, desviar o sal para a amurada para se fazer lugar para os salgadores trabalharem na próxima salga.

Com estes trabalhos levamos até às quatro horas, hora a que normalmente era içada a bandeira para chamar os pescadores para bordo , e começar o trabalho todo de novo.

Hoje não se arriou , porque amanheceu vento bastante forte e foi preciso por o motor a trabalhar para ajudar a amarra para que ela não se partisse e não se perdesse a corrente e a ancora. Foi preciso segurar os botes , guardar os cestos do aparelho em cima dos botes para que o mar que galgava o convés não os levasse borda fora esperando se que a qualquer hora o capitão mandasse levantar ferro e por o navio de capa porque a tempestade vinha cada vês a mais e era certo que o navio não podia estar muito mais tempo a puxar pela amarra apesar de esta estar a ser ajudada pelo motor .

Passamos o dia assim com vento forte , mas como o mar ainda estava chã não foi preciso levantar ferro, mas parece que vamos ter uma noite muito agitada, porque o contra mestre veio dizer que se aprontassem pois que as vigias iam ser reforçadas, e foi chamado o homem do leme porque de um momento para o outro o navio podia suspender e que era preciso estar tudo em ordem com o homem do leme e as duas vigias.

Entretanto o motorista veio para a proa para suspender o navio e assim passamos a noite de capa e eu como dormia no bico da proa foi me muito difícil pegar no sono e tive toda a noite acordado e só consegui de manhã quando o vento começou a acalmar.

Ainda estamos de capa apesar de o tempo ter acalmado um pouco e a vaga ter melhorado muito, o navio estava com menos balanço e havia mais sossego a bordo , pois que tinha sido uma noite muito agitada e a tripulação pouco tinha dormido e foi muito natural que quando tocou o sino, às oito horas para o café, a maioria dos pescadores não se levantou dos beliches e preferiu ficar a dormir

Pag. 11

15 DE MAIO DE 1952

Os moços que não tinham que trabalhar com este tempo por isto também ficaram nos beliches e ficaram a dormir até ao meio-dia, hora a que era dado o almoço nos dias em que estava brisa, e portanto não se arriava os botes.

Aproveitei para dormir mais um bocado, porque estando o navio ainda de capa, era certo que o capitão não nos chamaria para fazer qualquer serviço atendendo ao tempo que se fazia ainda sentir.

Toda a noite estivemos de capa, só com o triângulo içado no mastro da mezena, que servia para por a proa do navio o mais próximo do vento e com o motor à vante o bastante para que o navio não andasse para diante.

O vento zumbia nas enxárcias e o mar de vaga alta percorria o navio de proa à popa e tinha se colocados cabos para que os homens que faziam o leme e as vigias, se protegessem das vagas do mar, e era já de manhã quando o vento começou a acalmar e o mar começou a ficar mais chã o que permitiu que já começássemos a navegar, embora ainda devagar, a três milhas por hora e o capitão informou o contra mestre que estamos a vinte milhas fora do Grande Banco e se o tempo continuasse a melhorar, levaríamos o dia todo para que chegássemos ao pesqueiro e que possivelmente não iam pescar hoje

16 DE MAIO DE 1952

Navegamos com brisa de noroeste e o mar estava calmo, embora o vento ainda estivesse fresco, rondando por volta do meio-dia para nordeste o que permitiu que fossem içados os panos de proa, o traquete e a vela grande, e o navio começou a andar mais havendo motivo para crer que o navio chegasse mais cedo ao Banco. O vento estava fresco embora o mar estivesse chã, deveríamos chegar mais cedo mas provavelmente não havia a possibilidade de arriar os botes hoje, talvez amanhã se o vento fosse enfraquecendo, o que aconteceu mais pela tarde mandando o capitão arriar os panos em virtude de já estarmos a chegar à zona de pesca.

Os panos foram arriados, ficando só içado o triângulo e nos os moços fomos chamados à ré para tirarmos do frigorífico vinte sardinhas para largarmos duas linhas, para que quando o navio ancorasse largássemos para o mar pela popa, para ver se apanhávamos algum peixe, e se apanhássemos era sinal que estávamos em bom fundo.

Era costume quando estava brisa largarmos duas ou três linhas amarradas a uma garrafa vazia e a medida que íamos largando o aparelho e a garrafa ia se enchendo de agua ate chegar ao fundo. Depois de largado o aparelho esperávamos uma hora, tempo que normalmente se dava quando se largava o aparelho, mas tivemos pouca sorte pois só pescamos dois bacalhaus pequenos e uma raia, o que queria dizer que o fundo em que estávamos não era bom, e que provavelmente iríamos suspender o navio para irmos procurar melhor pesqueiro o que seria feito de manhã se o tempo estiver bom para arriar os botes o que provavelmente será, pois que o tempo está a melhorar.

17 DE MAIO DE 1952

Os louvados foram às quatro horas e logo o cozinheiro tocou o sino para o café, e os moços foram chamados à ré para safar o isco do frigorífico

Os pescadores começaram a sair dos seus beliches a vestirem as suas roupas e calçarem as suas botas para depois se sentarem nas locas para tomarem o pequeno-almoço, que neste dia foi café com leite e queque, que era um bolo doce com passas, e também tinha arroz doce, mas muitos comiam arroz doce e guardavam o queque nos seus foquins para comerem no seus botes depois de largarem o seu aparelho para o mar

Os moços tinham que se levantar mais cedo para tirar o isco do frigorífico que era grandes blocos de sardinhas a que chamávamos arenques, partindo os ao meio para que quando os pescadores chegassem à ré já estivesse tudo pronto para receberem o isco.

Entretanto os pescadores enchiam o seu foquim , que era como um balde com fundo ao contrário com uma tampa e uma asa , com pão peixe frito e uma garrafa termos com café, que lhes servia de almoça depois de largarem o primeiro lanço, porque

o jantar seria às cinco horas depois que chegassem a bordo e antes de começarem a escala .

Depois que os pescadores chegaram era lhes metade de um bloco de sardinha e eles iam cortando esta em pequenos pedaços que seriam postos nos anzóis quando fossem largando o aparelho para o mar

Entretanto o moço da câmara vinha com uma cafeteira e uma pequena caneca para dar aos pescadores o mata-bicho o que era costume em todos os navios bacalhoeiros.

Alguns pescadores que primeiro tinham recebido o isco, ainda tinham tido tempo de cortar o isco e iscar duas ou três linhas, enquanto o capitão mandava suspender o navio e andou para noroeste durante meia hora a procurar um pesqueiro que no seu entender fosse melhor para então ancorasse o navio e arriasse os botes

Depois que o navio ancorou e os pescadores já todos preparados, o capitão que ate então tinha estado no salão a ouvir as conversas dos outros capitães dos navios que estavam à nossa volta, então subiu as escadas que dava para o convés e então disse a frase do costume que era; vamos arriar com Deus.

Entretanto os pescadores que já estavam nas pilhas onde estavam os seus botes , à vos do capitão começaram a engatar os botes com os teques nas alças um à proa e outro à ré , içavam no e depois arriavam no fora de borda amarrando o no navio com a sua bossa porque o seu dono era o ultimo a arriar, e engatavam o bote a seguir , arriavam o fora de borda onde o dono deste bote punha o cesto do aparelho e a vela e depois saltava para dentro ao mesmo tempo que se benziam e diziam ;arrear com deus.

O tempo estava bom, corria uma leve aragem por isto os pescadores ao sair do navio içavam as suas velas para procurar lugar para largarem os seus aparelhos, pois que os primeiros a arrear, já tinham largado os seus à volta do navio e os últimos tinham que arranjar lugar para largar os seus aparelhos mais longe.

Depois que se arriou os botes os moços foram tomar café, e como não havia neste dia caras e línguas para salgar, porque tínhamos tido dois dias de brisa, preparamos nos para ir para o porão safar o hino do meio que era para salgar o peixe que fosse apanhado neste dia, porque a primeira pana de ré já tinha altura suficiente para levar sal em cima, que era pra abater o peixe que lá estava salgado,

Todos os moços foram para o porão e sobre as ordens do motorista, que era quem estava encarregado deste trabalho, eu e o Rui que era os dois moços mais antigos começamos a tirar o sal do hino do meio, enquanto outros moços o punha em cima da pana que tinha o bacalhau salgado, porque quando o hino que estamos a tirar o sal estivesse cheio tínhamos que tirar o sal que estava em cima do bacalhau para salgar mais, porque isto era feito varias vezes, porque o bacalhau fresco abatia muito e tínhamos que por mais sal em cima para abater para o depois tirar para tornar a salgar mais bacalhau

Isto era muito trabalhoso, porque para uma pana ficasse bem cheia era preciso por sal e tirar varias vezes ate ficar bem cheia ate ao convés. **Pag. 13**

Era uma hora da tarde quando acabamos o nosso trabalho no porão e depois fomos almoçar antes de o capitão mandar içar a bandeira para chamar os botes

O dia continuava bom, com uma leve aragem, e víamos os botes içar as velas para largar o segundo lanço. Pelas alturas dos botes, que eram avistados do navio, e que estavam mais próximos de nós, via-a se que não tinham apanhado muito peixe, e o capitão vendo que a pesca ers fraca, mandou o motorista suspender o navio e andar para sota vento, que era para onde os botes estavam a ir, e depois de o navio andar um quarto de hora o capitão mandou largar ferro, indo os moços largar a zagaia, mas não apanhamos nada, e por isto víamos que a pesca ia ser fraca.

Eram cinco horas da tarde quando o capitão mandou içar a bandeira para chamar os botes, e os moços começaram a preparar tudo para que quando os botes chegassem a bordo estivesse tudo em ordem, pois tínhamos que por os bicheiros à proa do navio que servia para puxar as bossas dos botes e também para por os garfos à mão que era para os pescadores porem o bacalhau dentro dos quetes, depois de o capitão ter visto e avaliado o que eles traziam e marcado na tábua,

Os pescadores começaram a chegar e como já disse o pescado não era muito, começaram a encostar ao navio, o moço da proa com o seu bicheiro pegaram nas bossas que estavam à proa dos botes arriavam os para a ré para onde estava o capitão, este depois de ver o peixe, marcava o numas folhas que estavam fixas numa tábua mandava o moço que estava a

Proa arriar as bossas mais para ré onde estava outro moço que lhe dava um garfo para ele descarregar o peixe que tinha pescado. De cada vez descarregava dois botes, quando o bote que descarregava à ré já estava pronto, vinha mais para ré para ser içado, enquanto, enquanto outro bote a traçava à proa e assim sucessivamente ate os botes descarregavam o que normalmente levava duas ou três horas, conforme se a pesca era boa ou fraca, para fazer esta operação, porque quando estava vento fresco e o navio balançava muito, levava muito mais tempo e também era mais perigoso por os botes dentro do navio, pois que com o rolo podia se partir os botes.

A pesca hoje foi de setenta quintais, não foi muito boa mas também não se pode dizer que fosse muito má, pois quando se apanhava cem ou cento e vinte quintais, era considerada uma pesca muito boa, e setenta quintais que não era uma pesca boa não se podia considerar muito má pois às vezes ainda se apanhava muito menos.

Depois de pouco mais de metade dos pescadores estarem a bordo, o capitão mandou jantar a primeira mesa, pois que enquanto estes pescadores comiam iam chegando a bordo os restantes, que era uma boa maneira de ganhar tempo, pois depois dos primeiros pescadores terem comido já se podia começar a escala, e assim ia se adiantando muito serviço enquanto comia a segunda mesa.

E de notar que na primeira mesa o capitão mandava comer todos os escaladores, troteiros e parte cabeças para que estes irem adiantando serviço

Então começou a escala com todos a bordo, indo os moços ocupar os seus lugares de trabalho que consistia em tirar as caras aos peixes maiores e as línguas aos mais pequenos. Tínhamos que trabalhar nos mesmos quetes, cada quete tinha dois escaladores, cada qual com o seu troteiro e a sua parte cabeças, e cada quete tinha também dois moços

Os escaladores do quete onde eu trabalhava era o tio António Paço, velho pescador da Afurada e o tio José do Bento que era também um pescador com muitos anos da pesca do bacalhau, sendo portanto ambos veteranos e com eu tenho aprendido muito daquilo que eu hoje sei

A escala acabou às oito horas e meia, o peixe era graúdo e a escala foi rápida, depois de tudo arrumado fomos despindo as roupas de oleado e descendo as escadas do rancho onde nos foi servido uma sopa quente que consistia numa mistura de arroz e caras de bacalhau e era muito saboroso.

Depois de todos comerem e como ainda era cedo, nem todos foram para o beliche, alguns foram conversar, e eu aproveitei a ocasião para escrever estas linhas, porque na maior parte dos dias não há tempo

23 De Maio de 1952

Os louvados foram há quatro horas e como de costume o homem da vigia veio chamar os moços um quarto de hora mais cedo, como era usual quando o tempo estava bom, para trazer o isco do frigorífico para o convés para ser distribuído pelos pescadores.

O tempo estava bom com uma pequena aragem do noroeste, o bastante para os pescadores içarem as suas velas. A primeira dos pescadores já tinha tomado o café, enchidos os seus foquins com pão e peixe frito, café ou café com leite, e começaram a subir as escadas do rancho depois de vestir as suas roupas de oleado e calçadas as suas botas de borracha ou de cabedal, foram indo para a ré com as suas ceiras para receber o isco, que era metade de um bloco de sardinha que os moços antes já tinham partido ao meio para dar metade a cada pescador.

Depois de receberem o isco os pescadores iam para a borda do navio cortar as sardinhas em pequenos pedaços para depois serem iscados nos anzóis do aparelho. O capitão mandou suspender o ferro do navio para procurar novo pesqueiro, porque nunca se arriava os botes no mesmo sítio para que os pescadores não largassem os aparelhos no mesmo sítio do dia anterior para que não viesse nos anzóis a cabeças e as espinhas da escala do dia anterior.

Enquanto o navio navegava, alguns pescadores que já tinham cortado o isco, iam iscando algumas linhas do aparelho para que quando fosse largado o trol mais depressa chegava ao fundo e ficasse preso pelo grapolim e por isto o bote já não garrava para sotavento.

Depois de o navio ter andado algumas milhas o capitão mandou ancorar o navio e o moço da câmara começou a distribuir o mata-bicho do costume, e depois de estar tudo em ordem o capitão deu ordem de arriar os botes, o que levava mais ou menos uma hora, indo os pescadores para bombordo ou estibordo, conforme os seus botes estivessem num lado ou no outro do navio e como estava um pouco de vento içavam as suas velas para procurar lugar para largar os seus aparelhos.

Durante uma semana de bom tempo, onde eu não escrevi nada, porque havendo muito trabalho e não tendo muito tempo para dormir, porque as escalas acabavam às onze e meia ou meia-noite e os louvados era sempre às quatro da manhã apesar de não se ter pescado muito porque só um dia e que apanhamos cento e quarenta quintais, e os outros dias foi de noventa a cem quintais, mas como tínhamos que fazes vários serviços, depois que os pescadores acabavam a escala, como guardar as caras as línguas e as espinhas e guardar tudo no corredor, éramos sempre os últimos a comer e portanto éramos os últimos a irmos dormir e como os louvados eram sempre às quatro horas da manhã e ainda tínhamos que levantar um quarto de hora mais cedo para safar o isco, por isto pouco dormíamos e já estávamos a pedir um dia de brisa para podermos descansar

Todos os dias depois de arriar os botes tínhamos que fazer limpeza ao navio, tirar os Samos das espinhas e salga-as nos barris, que tínhamos que tinham vindo de Portugal com carne salgada, assim como salgar as caras e as línguas e os Samos, para depois irmos para o porão safar um hino de sal, ou por sal em cima da primeira pana em que foi salgado o primeiro bacalhau que foi pescado.

Já tínhamos a bordo oitocentos quintais de bacalhau, o que não sendo bom também não se podia considerar má apesar de por este tempo no ano passado termos pescado mil e cem quintais, mas este ano já temos tido mais brisa do que o ano passado, mas como vamos ficar no Grande Banco mais uma semana, pode ser que tenhamos menos brisas e que tenhamos mais sorte e que nos aproximamos a mesma quantidade de bacalhau que apanhamos no ano passado.

Estava-se a aproximar o tempo de irmos para Saint Jonh tomar isco, gasóleo e mantimentos, porque só temos isco para mais uma semana, e temos que nos preparar

para fazermos a viagem para a Gronelândia, onde nos meses de Junho e Julho faz bom tempo, hà mais bacalhau e também faz dia vinte e quatro horas por dia.

Depois de acabamos o trabalho no porão fomos almoçar porque sendo já três horas, e o navio geralmente chamava às quatro horas e ainda por azar o vento estava a refrescar, o capitão mandou suspender ferro e andou três milhas para sotavento que era para os pescadores puderem vir para o navio de vela, o que de outra maneira teriam de vir para o navio de remos, o que lhes tomaria muito tempo para chegar a bordo, porque a maioria dos botes estava muito para sota vento e por isto o navio tinha que suspender a ancora e por se a sotavento dos botes.

Depois que o navio ancorou, o capitão mandou içar a bandeira para chamar os botes, e nos preparamos nos para por tudo nos seus lugares ,que era para quando os pescadores chegassem a bordo estar tudo nos seus devidos lugares.

Os pescadores começaram a chegar e a barlavento do navio começaram a arriar as suas velas, enrolavam o pano ao mastro, e depois a remos iam se chegando para a proa do navio e atiravam a boca ao moço que estava à proa e pegando na boca o moço arriava o bote para o lugar onde estava o capitão que marcava o peixe que o bote trazia numa tábua onde estavam algumas folhas de papel, ao mesmo tempo que o bote ia mais para ré onde estava um moço que lhe entregava um garfo para que ele descarregasse o peixe que o pescador trazia .

Depois de o pescador que estava a descarregar no quete de ré tinha acabado a descarga, o seu bote era largado mais para ré onde dois pescadores munidos de dois ganchos compridos com ponta curva, e a que chamávamos de teque, engatavam os botes pelas alças e os pescadores e os moços que estavam a puxar içavam no para o convés e era posto na pilha. Entretanto os botes iam chegando, víamos que não íamos ter uma grande pesca, mas aqui na Terra Nova é assim, se num dia se pescava bem no outro pescava se mal.

O vento estava a refrescar e como soprava do sul, e como já sabíamos que havia navios que já estavam a navegar para Saint Jonhs tomar isco e mantimentos para irem pescar para a Gronelândia, que talvez o nosso capitão aproveitasse o vento favorável, para também irmos para terra apesar de termos ainda isco para mais três dias.

Entretanto como já tinham chegado mais de metade dos botes, o capitão mandou os escaladores os troteiros eo parte cabeças, comerem para irem adiantando a escala, ao mesmo tempo que ia avisando os pescadores para assegurar bem os botes, que era sinal que depois de se acabar a escala, ou ainda antes se o tempo o permitir, viajaríamos para a Terra Nova.

A pesca, como já disse não foi muito boa, o que talvez influenciasse o capitão para irmos para terra ou talvez porque fosse tempo para irmos para a Gronelândia onde se fosse um ano bom tempo e de boas pescas sempre compensava ir mais cedo porque aqui na terra nova havia muitas brisas e pouco peixe.

Pescou se neste dia cinquenta quintais por isto acabamos a escala ainda cedo e portanto tivemos tempo de segurar bem os botes, por os aparelhos e as velas em segurança e o capitão depois de acabarmos a escala mandou suspender o navio e começarmos a navegar para noroeste rumo à Terra Nova onde chegaríamos no dia vinte e quatro por volta do meio-dia pois que soprando o vento do sueste e como estava a refrescar o capitão mandou içar o redondo pelo que íamos andando bem

Foi chamado o homem do leme, porque ate aqui era o imediato que ia governando o navio, também foi posto dois homens de vigia e foi posto o quarto de prevenção, pois navegaríamos a noite toda porque todo o cuidado era pouco, porque o vento estava a refrescar e por isto tinha que estar tudo preparado para o que desse e viesse

Comos os moços, não entravam nos quartos por isto fomos fazer os trabalhos que nos competia que era guardar as caras as línguas e as espinhas, por isto quando acabarmos estes trabalhos, fomos comer a chora depois os moços foram dormir enquanto eu aproveitei para escrever estas linhas.

24 DE MAIO DE 1952

Acordei já de manhã, quando o cozinheiro tocou o sino para o almoço, eram nove horas e a maior parte dos pescadores não se levantou dos beliches para almoçar, preferiram ficar a dormir, pois que como o jantar era ao meio-dia não teriam de esperar muito tempo, mas nos os moços tínhamos muito trabalho a fazer fomos tomar o café, e depois fomos para o convés onde nos esperava muito trabalho.

Enquanto alguns moços foram tirar os Samos das espinhas, outros foram salgar as caras de bacalhau e as línguas que tínhamos tirado no dia anterior, porque depois de fazer este trabalho, tínhamos que fazer limpeza ao navio para que quando entrasse no porto estivesse com boa apresentação e limpo

Entretanto o vento começou a acalmar e tivemos que arriar o redondo, e só estamos a navegar só com o motor, e como tal iríamos chegar a terra um pouco mais tarde do que prevíamos depois que acabamos de fazer a limpeza ao navio, tivemos que ir para o frigorífico para por tudo nas devidas condições para que quando viesse a isca já tivesse lugar para a guardar.

Entretanto tocou o sino para o jantar, já tínhamos arrumado o frigorífico e só nos faltava, depois do jantar, por em ordem o paiol de mantimentos para por os mantimentos que o navio ia meter tais como batata, hortaliças e outros mantimentos que o navio precisava para nos mantermos na Gronelândia ate chegar o Gil Eanes para nos abastecer.

Também tínhamos que meter água e gasóleo, porque estava tudo no fim o que havíamos trazido de Portugal.

Depois do jantar fomos para o paiol para fazermos lugar para por os mantimentos e lá ficamos até às três horas onde depois de tudo pronto viemos para o convés onde já se avistava terra e talvez lá para as quatro horas chegaremos a terra, porque como o vento tinha acalmado, íamos andando muito bem.

Entramos na barra de Saint Jonhs pelas cinco horas da tarde onde já estava o barco dos pilotos que nos levaria ate ao sítio onde atracaríamos

Era uma entrada estreita ladeada por altos morros onde se viam ainda os fortes que serviram para +por peças de artilharia que serviam de defesa ao porto na segunda grande guerra.

Depois de entrar na cana, sinalizado por bóias, entramos no porto que era uma grande angra onde cabem centenas de navios, uns atracados as muralhas e outros ancorados no meio do porto, fomos atracar no lado sul onde ficava perto o porto de pesca e onde havia fábricas de processamento de pescado.

Como já era tarde não havia nada para fazer e só amanhã havia de vir os mantimentos, vamos aproveitar a oportunidade para dar um passeio pela cidade e dar uma vista de olhos pelas novidades que havia nas lojas e supermercados e ir à casa dos pescadores ver televisão coisa que não havia ainda em Portugal

Depois que o navio foi amarrado com cabos à muralha, veio a bordo o delegado do armador do navio, então o capitão mandou chamar a tripulação para distribuir os dólares que anteriormente eles tinham pedido , nos os moços só podíamos pedir dez dólares enquanto os pescadores podiam pedir até trinta dólares, dinheiro este que era descontado quando recebiam o pagamento do pescado que apanhavam.

Depois que receberam o dinheiro, os pescadores em pequenos grupos foram saindo do navio e foram se juntando a amigos de outros navios que também estavam no porto para serem abastecidos para irem pescar para a Gronelândia.

Havia muitos navios bacalhoeiros no porto e entre eles estava o Àrgus onde estava um moço da minha terra, que se chamava João Carlos de Matos e era costume que quando nos encontrávamos irmos passear juntos e também com outros amigos e entre eles o Rui e saíamos para dar uma volta pela cidade onde fomos apreciando as montras dos estabelecimentos onde se vendia de tudo, sendo muito frequentadas pelos pescadores portugueses e também de outras nacionalidades como espanhóis franceses e italianos, e todos faziam compras, o que fazia com que o comercio local prosperasse quando no principio da primavera vinham a terra para se abastecerem

Nos os moços não comprávamos muita coisa, pois que o dinheiro era muito pouco e tínhamos que guardar algum para irmos ao cinema e para irmos beber umas cócocolas à casa dos pescadores, onde nos entretínhamos a ver televisão e a ver outros amigos que já tinham embarcado connosco, mas que agora estavam noutros navios.

Depois de visitarmos vários estabelecimentos comerciais chegamos enfim a casa dos Pescadores onde nos sentamos ao redor de uma mesa onde já estavam muitos pescadores a conversar a respeito das pescas que não era muito boa e que se esperava que na Groenlândia fosse melhor, e havia também outros pescadores que se entretinham se a jogar as cartas e ainda outros ao dominó e ainda outros a ver televisão, pois que ainda não havia em Portugal apesar de saberem que já havia em alguns países há já alguns anos Apesar de o cinema não ficar muito longe da casa dos pescadores, combinamos eu, o João Carlos e o Rui de irmos ao cinema, por isto resolvemos ver mais um pouco de televisão ao mesmo tempo que bebíamos uma cocacola, depois iríamos ao Roial Stores, que era um grande supermercado onde se vendia de tudo e ao mesmo tempo falaríamos com o Carlos que foi um antigo pescador português da pesca do bacalhau e que por falar inglês foi contratado pelo gerente para trabalhar neste super mercado porque vindo a este porto muitos navios portugueses, espanhóis e franceses, fazia muito jeito uma pessoa como o Carlos que soubesse falar a sua língua, o que fazia com que mais pessoas frequentasse este estabelecimento.tinha ido tinha ido

Ficamos a ver televisão na casa dos pescadores, e resolvemos não ir ao cinema por isto só saímos as onze horas da noite e dirigimos nos para o Roial Stores que no caminho que nos levaria ao porto e portanto aos nossos navios

Não era a primeira vês que íamos ao Roial Stores, já nos dois primeiros anos como moço, já tinha ido lá algumas vezes, era um estabelecimento muito conhecido por todos os pescadores, não só portugueses mas também por pescadores de outras nacionalidades, e portanto já éramos como fregueses da casa, pois e aqui que compramos as nossas bugigangas que levávamos como recordações para a nossa terra. Havia lá muita gente, a maioria eram pescadores, alguns nossos conhecidos entretendo se a ver as novidades que estavam expostas, comprando alguma coisa e dando muito trabalho ao Carlos, que como já dissemos falava português era o mais procurado pelos nossos pescadores, apesar de haver mais empregados que serviam outros pescadores de outras nacionalidades.

Não comprei nada e com certeza que não compraria, porque o dinheiro que eu tinha só dava para ir ao cinema e se ainda restasse algum só o gastaria no dia em que partíssemos de Saint Jonhs para a Gronelândia.

Andei pelos corredores deste estabelecimento, que era enorme, havia muitas novidades desconhecidas de nós, como pequenos rádios de bolso, pequenos carros eléctricos, bonecos que andavam, tudo isto movido a baterias, enfim coisas que ainda não tinham chegado aos Açores e que ainda levaria mais alguns anos a chegar.

Já passava da meia-noite, quando resolvemos ir para bordo, ao todo éramos cinco, três do Oliveirense e dois do Àrgus, e depois de meia hora de caminhada chegamos ao nosso navio, fui logo buscar o caderno e esferográfica para escrever estas linhas

25 DE MAIO DE 1952

Eram duas horas da manhã quando acabei de escrever os factos que tinham acontecido nos dias anteriores, e como a maioria dos pescadores que tinham estado a conversar também já estavam nos seus beliches, aproveitei o silêncio para ver se dormia porque era de certeza que de manhã já teríamos muito que fazer.

Acordei quando tocou o sino para o café, alguns pescadores saíram dos seus beliches mas a maior parte continuou a dormir porque se tinham deitado muito tarde, e como o almoço seria ao meio-dia, também não ficariam muito muitas horas sem comer,

Levantei-me, tomei o café, e o contra mestre veio avisar os moços que tinham que ficar a bordo porque dentro de pouco tempo iriam chegar os mantimentos, pois tinha mos que guardar nos seus devidos lugares, e também avisou os pescadores que tinham que estar todos a bordo ao meio-dia, pois que depois do almoço chegariam os camiões com o isco pois que tinham que descarregar e guardar no frigorífico.

Depois do café subi ao convés onde vi que já havia trabalhadores a canalizar agua e gasóleo para bordo, o que demorou ate à hora do almoço.

Entretanto veio um camião carregado de mantimentos, como batata cebolas, hortaliças e outros que era descarregado em cima do molhe e que os moços iam levando para o paiol dos mantimentos

Levamos duas horas para guardar tudo, mas como não podíamos sair de bordo estivemos entretidos a jogar a bola em cima da muralha enquanto não chegava a hora do jantar, estando previsto que o primeiro camião com o isco chegaria as duas horas da tarde e era certo que ainda hoje viria mais um camião e que amanhã viria mais dois, pois como o frigorífico levava vinte toneladas seriam quatro camiões de cinco toneladas cada um. Chegou a hora do jantar e o capitão mandou comer os homens do quarto do imediato, pois que seria este quarto que estaria de serviço ate as seis horas e como tal depois de comer teriam que estar tudo a postos para receber os dois camiões que viriam hoje, pois que amanhã a esta mesma hora seria o quarto do capitão a fazer este mesmo serviço pois que o isco viria outra vez de tarde.

Nos os moços tínhamos de estar sempre a bordo quando viesse o isco, pois que nós e que tínhamos guardar tudo no frigorífico, e só podíamos sair do navio depois que fossem descarregados os dois camiões e o contra mestre desse ordem, pois então poderíamos ir ao cinema.

O primeiro camião chegou às duas horas, e como já estava tudo preparado, começaram logo a descarregar o isco, que eram blocos de arenque de vinte quilos, e que os pescadores fazendo uma fila passavam de mão em mão até chegar ao frigorífico, onde nós os moços estavam a guarda-los o melhor possível, pois além do isco tínhamos que guardar alguns alimentos como carne para não se perderem.

Estava no fim o primeiro camião, quando chegou o segundo, não se perdendo tempo com esperas e por isto o trabalho ia andando depressa e se continuar assim lá pelas cinco horas havia de estar tudo pronto e por isto depois do jantar podíamos sair para dar um passeio, pois a não ser os homens de vigia o capitão dava ordem para irem a terra quem quisesse ver a televisão, ou ir ao cinema, ou ir ver as novidades ao Roial Stores ou à casa dos pescadores jogar as cartas ou ao dominó,

Depois de guardar o isco, todos os pescadores que tinham a ideia de sair foram despir a roupa de trabalho e vestir as roupas domingueiras e já tinham cortado o cabelo e a barba

e, já não pareciam aqueles pescadores que horas antes vestidos com roupa de trabalho e botas de cano alto de borracha e cabelo grande e barba por fazer, não se pareciam nada com aqueles homens que agora saíam do navio bem vestidos e de sapatos.

Fui ter com o João Carlos ao Àrgus já preparado para dar uma volta pela cidade e depois das sete horas ir até ao cinema. Depois que chegamos ao Oliveirense, reuniram-se a nós o tio Artur Bonança e o tio Manuel Tachinha, que eram dois pescadores da Calheta, que também iam ao cinema, e fomos todos juntos a conversar e a ver as montras dos estabelecimentos comerciais e parando de vez em quando para ver a televisão que estava nestas mesmas montras. Como íamos andando devagar depressa as horas se foram passando e quando demos por nós já eram horas de ir para o cinema e por isto apressamos os passos para não perdermos o princípio do filme.

Finalmente chegamos ao cinema, levava um filme de coboys, compramos os bilhetes e fomos nos sentar à espera que principiasse o espectáculo, o que não levou muito tempo. Nos dois anos anteriores eu já tinha ido ao cinema, e uma coisa que me admirou foi que quando acabou o filme apareceu no ecrã a figura da rainha Isabel ao mesmo tempo que tocava um hino que eu nunca soube se era o hino de Inglaterra ou se era do Canada, e toda a gente se punha de pé incluído nós, e só depois de acabar de tocar o hino é que se acenderem as luzes e então viemos embora, nós os quatro e vários pescadores de outros navios que também se estavam a abastecer para fazermos a viagem rumo aos Bancos da Gronelândia.

26 De MAIO DE 1952

Já passava da uma da manhã quando chegamos ao navio, viemos devagar e a conversar porque o isco só virá depois do almoço, por isto combinamos, eu e mais alguns pescadores de S. Miguel, irmos logo que amanhece-se, lavar a roupa à ribeira que passava a sul do porto e não muito longe do nosso navio e que fazia um pequeno lago e onde os pescadores portugueses e de outras nacionalidades iam lavar as suas roupas, porque depois de chegarmos à Gronelândia, já não tínhamos oportunidade de lavar mais roupa, portanto tínhamos que lavar aquela que já tínhamos mudado, em Sant Jonh para que tivéssemos roupa para mudar nos três meses que estivéssemos a pescar na Gronelândia pois que tínhamos que ter roupa lavada para o resto da viagem.

Quando chegamos ao navio ainda havia pescadores acordados a ouvir as histórias do tio Frazão enquanto outros já estavam a dormir, o que eu fiz também porque estava um pouco cansado.

Acordei ao som do sino da cozinha para o café da manhã, que foi de café com leite ou só café ou leite conforme a vontade de cada um, com queque que era um bolo feito de farinha, leite açúcar e passas de ameixas secas. Fui bebendo café com leite e comendo queque, porque como íamos lavar a roupa, tínhamos que despachar depressa, porque também tínhamos que secar a roupa estendendo-a em cima de pedras.

Depois do café fomos dizer ao contra mestre que íamos lavar a roupa à ribeira e que só chegaríamos à hora do almoço, aí por volta do meio-dia, ao que ele nos respondeu que podíamos ir pois que o isco chegaria depois das duas horas e que portanto tínhamos muito tempo para lavar a roupa.

Fui ao meu beliche busca o saco de roupa e junto com outros pescadores, entre os quais estavam o tio Manuel Tachinha o tio Artur Bonança e o irmão Etelvino Bonança, o tio João Cabral e o irmão Alfredo Cabral e vários outros pescadores que também iam lavar as suas roupas. Chegamos enfim ao ribeiro onde a volta da pequena lagoa e com pedras que nos servia de lavadouro, pusemos nos a lavar as nossas roupas e à medida que as íamos lavando, púnhamos a roupa a secar em cima das pedras, porque depois de tudo

lavado tínhamos que esperar que estivesse toda seca e aquela que não chegasse a secar, tínhamos que a trazer para o navio onde estendíamos linhas onde estendíamos a roupa para acabar de secar, e aquela que não ficasse bem seca, como as meias de lã, tínhamos que a por nos cabides ao pé dos nossos beliches onde secariam ao calor do fogão

Estivemos na ribeira a espera que a roupa secasse até às onze e meia, altura em que a recolhemos e viemos embora, ainda com alguma ainda por secar, porque tínhamos que chegar a horas para o almoço e depois esperar que viesse os dois camiões com o resto do isco,

Chegamos a bordo quando já comia a primeira mesa, e enquanto esperava pela segunda atei uma linha em cima do espadele onde pus alguma roupa que ainda não estavam secas, e como o tempo estava bom e com sol numa hora ou duas ficariam bem secas.

Depois de terem comido, os homens do quarto do capitão, e que neste dia lhes cabia descarregar o isco, pois que no dia anterior tinha feito este serviço o quarto do imediato, e como o quarto do capitão estava de serviço do meio-dia às seis, cabia ao quarto do capitão estar de serviço enquanto o quarto do imediato podia passear para terra e fazer as suas compras. Como nós os moços não tínhamos de estar de quarto e só sairíamos do navio depois do isco estar guardado e só com ordem do contramestre. Era duas da tarde quando veio o primeiro camião com o isco, e imediatamente se começou a descarregar e levar até ao frigorífico onde nós os moços arrumavam nos seus devidos lugares de moço a que ficassem bem acondicionados de modo a que levasse o mais possível, porque o isco que ainda viria no outro camião, que já estava à espera que fosse descarregado o primeiro, tinha que ser todo guardado no frigorífico e por isto tinha que ser bem arrumado. Passava já das cinco da tarde quando o trabalho terminou e depois de comer nós os moços fomos pedir ao contramestre se podíamos sair, pois que sabíamos que o navio já não saía hoje, apesar de já terem saído navios, entre os quais o Arguas onde estavam vários pescadores de São Miguel e o moço João Carlos de Matos.

Portanto fui despir a roupa de trabalho, depois do contramestre dizer que podia-nos sair, junto com alguns pescadores de São Miguel, entre os quais o Tio Manuel Tachinha, os irmãos José e Alfredo Cabral e os irmãos Artur e Etelvino Bonança, o Tio Manuel Casaca e o Tio Manuel Rufino e ainda outros que juntaram a nós, mas que depois foram cada um para o seu lado, pois enquanto uns iam ao cinema, outros iam ver as lojas para e ainda outros para a casa dos pescadores ver televisão.

Eu junto com os citados pescadores fomos ao cinema e eu era neste grupo o único que sabia algumas palavras de inglês, eles preferiam vir comigo para que eu lhes explicassem algumas coisas. No caminho passamos pela catedral de São João e como ainda era cedo para ir ao cinema resolvemos dar uma vista de olhos a esta igreja. Já não era a primeira vez que eu tinha ido ver esta igreja e até uma vez que tinha-mos passado em S Jonh, um domingo fui à missa junto com outros pescadores, e por isto sempre que tinha tempo gostava de a visitar. Entramos para dentro, percorrendo a igreja que era bastante grande, era uma igreja católica e julgo que em S Jonh não haveria outra, porque nestes três anos que estive em terra nunca vi outra que fosse católica, mas sabia que havia igrejas de outras confiões, pois que uma vez, com outros pescadores visitei uma onde ouvi um senhor bem vestido e com uma bíblia na mão a fazer uma pregação numa sala onde não havia nenhuma imagem, mas simplesmente uma cruz.

Depois que vimos que era horas para o cinema, saímos da igreja. Onde alguns pescadores estiveram de joelhos, e eu rezei em silêncio pedir a Deus que nos livrasse de todos os perigos, que nos desse sorte, bom tempo para carregarmos o navio de bacalhau e que nos levasse a todos a porto de salvamento. Saímos da igreja e fomos andando até que chegamos ao cinema, compramos o bilhete entramos e sentamo-nos e depois de um quarto de hora de espera, principiou o filme, a sala estava cheia, havia também muitos

pescadores portugueses, pois que por esta altura apesar de já terem saído alguns navios para a Gronelândia, e ainda estava no porto de Sant Jonh uma dezena de bacalhoeiros portugueses. Depois de a caber o filme, que foi sobre contrabando de álcool e muita acção e que gostamos imenso, viemos para o navio,

27 DE MAIO DE 1952

Chegamos ao navio por volta da uma hora da manhã onde havia muitos pescadores a conversar, alguns ouviam as histórias que o Frazão contava, mas como de costume as histórias do tio Frazão não tinham fim, fui buscar o meu caderno onde eu escrevia, e pus-ma a escrever o que se tinha passado no dia 26, dos trabalhos que fizemos, como guardar o isco no frigorifico, fazer limpeza ao navio, que com certeza que depois de sairmos de Sant Jonh para a Gronelândia, com os afazeres a bordo e com o mau tempo que há sempre nestas paragens, eu não teria muito tempo para escrever.

Eram já três horas da manhã quando começou a fazer-se silêncio, os pescadores foram para os seus beliches e eu também, vou acabar de escrever e dormir. Levantei-me quando o cozinheiro tocou o sino para o café, eram oito horas, que neste dia foi arroz doce com café ou café com leite, conforme o gosto de cada um, comi um prato de arroz, e bebi uma caneca de café com leite condensado, e depois com os outros moços fomos falar com o contramestre para perguntar se havia alguma coisa para fazer, e não havendo trabalhos a fazer, se podíamos dar um passeio, o contramestre disse que podíamos dar um passeio por perto, pois que o mais certo era o navio sair depois do almoço, pois que o capitão já tinha pedido ao piloto para as duas horas para se manterem por perto e que não saíssem depois do almoço.

Saímos do navio, mas não fui para muito longe, limitei-me a ir para a muralha onde alguns pescadores se entreviam a esticar as linhas do aparelho e eu fui ajudando alguns pescadores como o tio Manuel Casaca e o tio Alfredo Cabral, havendo também pescadores a ajudaram outros colegas.

Reparei no porto e já havia poucos navios portugueses, a maior parte já se tinham ido embora para a Gronelândia, havia alguns arrastões como o “ João Corte Real” e navios a linha como o lugre “ Gronelândia” o “ Hortense” o “ Novos Mares “ e o “ José Alberto” . Outros como o “ Argus” , o “ Creoula”, o “ Inácio Cunha “ e o “ São Rui” já se tinham ido embora para a Gronelândia , Estive, como já disse a ajudar alguns pescadores a esticar as suas linha, outros pescadores que ficaram no navio , seguravam os barris de vinho que tinham trazido se Portugal, barris estes que estavam amarrados à proa do navio e que tinham que ser bem seguros, para que quando navegávamos com mau tempo não serem levados pelo mar , assim foi passando o tempo, até que ao meio-dia tocou o sino para o almoço, e o contra-mestre veio avisar que o quarto de serviço era o do imediato que fazia este quarto do meio-dia às seis e que portanto era o primeiro a almoçar, porque o navio saía do porto às duas horas e que portanto eles tinham que estar prontos para entrar de quarto até às seis horas, hora a que eram rendidos pelo quarto do Capitão.

Como de costume os moços em viagem pouco tinham que fazer, mas estavam sempre às ordens do contra-mestre ou do imediato para fazer algum serviço no porão, como chegar sal para cima do bacalhau que já tinha abatido o suficiente para levar sal em cima. Claro que em viagens metade dos moços que comer no quarto do capitão e a outra metade comia no quarto do imediato, eu como era do quarto do capitão, fui comer quando este quarto foi comer, mas isto só acontece em viagem, pois na pesca quando da escala do bacalhau, era o capitão que escolhia os pescadores e os moços que iam comer

na primeira mesa, que era para formar as equipas que iriam principiar a escala, enquanto os outros que iam chegando e depois de descarregarem o seu peixe, e que içavam os botes para dentro do navio. Depois de comer o contra-mestre veio avisar a tripulação que não podiam sair do molho do porto e ao pé do navio pois que a hora de partir era ás duas horas, hora em que chegasse o piloto. A comida ao meio-dia foi sopa de hortaliça, o que era muito raro, pois que a hortaliça que metíamos no porto de Sant Jonh dava só para uns dias, e bacalhau seco e café, porque só às quintas-feiras e domingos é que havia uma caneca de vinho, embora alguns pescadores bebessem vinho quase todos os dias, porque o tinham trazido de Portugal.

Há duas horas chegou o piloto e alguns pescadores que ainda estavam em terra vieram logo para o navio e depois de estar tudo em ordem, foi dado ordem para soltar as amarras que prendiam o navio ao cais, o motor já estava a trabalhar, o homem do leme já estava a postos e junto dele estava o piloto que lhes ia dando as instruções para a saída do porto, apesar de de não ser preciso, pois os pescadores estavam tão acostumados a entrar e sair do porto de Sant Jonh, que eram capazes de o fazerem sozinhos.

Junto à casa do leme o capitão o imediato e o contra-mestre e alguns pescadores do quarto de serviço e outros acenavam os pescadores amigos de outros navios que ainda estavam no porto, e que desejavam uns aos outros, saúde, boa viagem e também boa sorte.

Sáímos a barra de Sant Jonh, onde estivemos dois dias, lá fora estava o barco dos pilotos à nossa espera, depois paramos por breve instantes para que o piloto pudesse saltar para a embarcação. Viramos a proa para o Norte, com o motor na marcha regular quando estava bom tempo, mas como estava uma pequena aragem de Sueste foi içada a vela da bujarda, a vela de estar e a polaca e no mastro da mezena foi içado o triângulo.

O tempo estava bom, mas o capitão deu ordem para o quarto ficar de prevenção porque os navios que tinham saído de manhã já navegavam com vento fresco e a todo o momento tinha que ser içado mais panos. Foi posto dois homens de vigia à proa, à ré mantinha-se o homem do leme, que eram feitos sempre pelos pescadores mais antigos e portanto os mais experientes, junto dele, um de cada lado estavam duas vigias, e como era o quarto do capitão que estava de serviço era o contra-mestre que dirigia as manobras e dava as ordens.

Os outros homens do quarto em baixo, para o rancho una para descansar nos beliches até à hora da ceia, enquanto outros começavam a fazer aparelhos de pesca, para que quando perdêssemos algumas linhas, o que acontecia muitas vezes, Já terem aparelho que pescar sem serem preciso perder tempo de descanso a fazer outro, o que faria perderem-se tempo descanso, pois que já se tinha m aparelho feito para substituir aquele que perdessem.

Como era viagens os moços não tinham muito que fazer, algumas vezes ajudava os pescadores, principalmente da minha terra, a fazer aparelhos sobressalentes. Para substituir aqueles que fossem perdendo. E como o tempo ainda estava bom fui buscar o meu caderno e a esferográfica pus-me a escrever estas linhas.

28 MAIO DE 1952

Acordei de manhã com os balanços que o navio dava, o que queria dizer que o tempo tinha piorado e que não estava bom tempo de que quando saímos de Sant Jonh. Subi as escadas do rancho que dava para o convés, e vi que estavam içadas a vela grande e o traquete, tinham sido içados de noite, mas ainda assim estávamos a navegar

bem e o navio estava a dar mais de sete milhas à hora. Às quatro horas de manhã, que era a hora em que os quartos eram mudados e quem queria bebia o café mas a maior parte o pessoal ficava nos beliches, só alguns pescadores que tinha saído do quarto, alguns moços e o ajudante de motorista, enquanto alguns ficavam a fazer os seus aparelhos até à hora do almoço que era às oito horas, hora em que mudava o quarto.

Depois do almoço e como não podíamos trabalhar no porão porque o mar invadia o convés, fui para o beliche até à hora do jantar, que era ao meio-dia, depois de render o quarto.

O vento mantinha-se no Sueste, não estava muita vaga, foram içadas as istensulas, velas quadradas que são içadas entre os mastros e vão até totó dos mastaréus. À noite o vento começou a aumentar, o mar batia com mais força nos costados do navio, levando os pescadores que iam render o homem do leme e os vigias a tomar todas as precauções e iam agarrados aos cabos que estavam estendidos da proa à popa para este efeito, para se protegerem das vagas do mar que constantemente invadia o convés, o que era sempre perigoso e que já algumas vezes pescadores estiveram em perigo ao passar da proa para a popa.

Depois do jantar, com os pescadores ao redor da mesa prontos para todo o serviço, pois estavam todos vestidos de roupa de oleado, todos aqueles que estavam de serviço, e eu depois de cear comecei a escrever estas linhas, com alguma dificuldade pois que o navio dava muito balanço.

1 DE JUNHO DE 1952

Depois de três dias de muito mau tempo e em que não pude escrever, mas hoje resolvi em escrever umas linhas, mas julgo não vou escrever muito porque o tempo não vai ajudar-me, também depois de chegarmos dos bancos, não vou poder escrever muito porque o trabalho não há-de faltar. Como estamos de capa, portanto não andamos para a frente, estamos boiando ao sabor do vento e do mar, só com o triângulo içado para que o navio ficasse o mais possível aprofundado ao vento e à vaga do mar, mas temos notícias que os navios que vão à frente já estão a navegar com melhor tempo e nós esperamos que também o tempo melhore e que possamos navegar. O vento que soprava de sueste e que depois rondou para o nordeste fazendo com que não pudéssemos navegar, esperamos que ronde para oeste ou sudoeste o que nos permitirá tirar o navio de capa e começarmos a navegar.

Já há muito tempo que deixamos de ver terra e o imediato disse-nos que estávamos a leste da costa do Labrador, e por isto navegamos só com o mar à vista e segundo o imediato só veremos terra, que será a Gronelândia daqui a quatro dias, se os tempos como os navios vão à frente dizem, e que esperamos que seja verdade, tem estado a melhorar, porque se o tempo não melhorar vamos levar mais dias a chegar ao banco de pesca.

Pag.24

O vento continua a soprar ainda forte de nordeste, mas já não está tanta vaga e vamos começando a navegar ainda que devagar e os homens já passam da proa para a ré sem dificuldade.

Sai do beliche às seis horas, hora a que os quartos eram mudados, e portanto era a hora da ceia, depois da ceia vou escrever umas linhas, aproveitando a que o mar está melhor.

2 DE JUNHO DE 1952

O tempo continua a melhorar, pois o navio está a navegar melhor e já não ouvia o mar a bater no costado do navio e tínhamos esperança que agora iríamos ter bom tempo. Almoçamos como de costume, quando estamos a navegar, às oito horas, e vim até ao convés para ver como estava o tempo, Efectivamente estava bom tempo o mar estava calmo e soprava uma aragem de Oeste, e os panos estavam ainda arriados, excepto triângulo içado no mastro da mezena, pano este estava sempre içado.

Alguns moços foram até à ré para ver se o imediato precisava de nós para fazermos algum serviço no porão, apesar de sabermos que estava tudo em ordem, mas era uma forma de sabermos novidades, se estávamos muito longe do cabo Faroé que é o cabo que fica no extremo sul da Gronelândia cabo este que já devíamos ter passado, mas que devido ao mau tempo que tivemos demoramos mais alguns dias, mas que depois de passarmos este cabo ainda levaríamos dois dias até chegarmos à baía, que era o pesqueiro que ficava mais ao sul, masque devido a ser um sítio muito perigoso por causa do mau tempo que quase sempre se fazia sentir e porque as águas corriam muito, os capitães só pescavam lá de passagem e quando estava bom tempo.

Estavam à ré alguns pescadores que conversavam com o contra-mestre e o imediato e que nos disseram que por volta do meio-dia passaríamos o cabo e portanto se o tempo continuasse bom chegaríamos à baía daqui a dois dias e iríamos de dar um lanço.

Os moços juntos com o imediato foram para o porão ver se era preciso fazer algum trabalho, que não foi muito, foi só arrumar alguma coisa que estava desarrumada com o mau tempo, pusemos tudo em ordem, para que quando principiasse a faina da pesca estivesse tudo em condições.

O tempo continuava bom, estava calmo e não caía a mais pequena aragem. Os pescadores preparavam os seus aparelhos, substituindo algumas linhas que por já terem pescado no ano anterior já não estava em boas condições, e ainda outros preparavam novo aparelho para substituir outro que sempre se perdem, por isto tinham aparelho para os substituir, e por isto não perdiam tempo para fazer outro, o que seria prejudicial ao bom funciona mente do trabalho, pois que não tendo feito iriam perder tempo de descanso.

Como não tinha nada para fazer, pus-me a ajudar alguns pescadores de São Miguel como o tio Artur Bonança e o tio Manuel Casaca e o tio Alfredo Cabral. Levamos assim o resto da tarde até à ceia, que era às cinco e meia, pois que às seis horas tinha que render o quarto de serviço, que por sua vez tinha de comer às seis horas. É preciso referir que saímos de Sant Jonh, o dia vinha sempre a crescer as noites eram cada vez mais pequenas e hoje praticamente não há noite e embora não se veja o sol, já era sempre dia e a noite desapareceu completamente, por isso tínhamos dia durante vinte e quatro horas. Por enquanto não víamos terra, mas pelo costume de anos anteriores, vinte e quatro horas de passar o cabo Faroé, já navegaríamos a cinco ou seis milhas da costa. Depois de comeram os pescadores sentavam-se à volta da mesa, a preparar os seus aparelhos e a ouvir as histórias do tio Manuel Frazão que já há três anos tinha começado era a história de Carlos Magno e os doze pares de França e não havia maneira de acabar. Como era ainda um bocado cedo e como não tinha sono, fui buscar o meu caderno e a esferográfica e fui escrever estas linhas, porque quando chegarmos ao pesqueiro os pescadores começam a pescar nos seus dórias, e já não terei muito tempo para escrever.

3 DE JUNHO DE 1952

Deitei-me já eram onze horas, acordando só às oito horas, hora que o cozinheiro tocou o sino para o pequeno-almoço.

Nem acordei às quatro horas de manhã, hora em que alguns pescadores descem as escadas do rancho a cantar uma cantiga a que chamamos os louvados, que serve para render o quarto que está de serviço da meia-noite às quatro, e rendido por aquele que está de descanso que depois do café vá render este quarto, indo igualmente um homem para o leme e dois ou quatro para a vigia.

Conforme o tempo que faz, e os restantes homens do quarto ficam preparados para os trabalhos que foram precisos, como arriar os panos quando estiver calma, ou içá-los quando estiver vento para tal, ou ainda folgar as escotas conforme o tempo que fazia, isto é, tinham de estar de prevenção para todas as manobras que se faz num lugar quando está a navegar.

Depois de tomar o almoço vim para o convés acompanhado de alguns moços, que é o que fazemos todas as manhãs quando está bom tempo, que era para recebermos ordens do contra-mestre ou o imediato. Subi as escadas do rancho, com os moços entre os quais estava um do faial que esteve comigo numa escola de pesca em Lisboa, e que se chamava Rui Alexandre.

Depois de chegarmos ao convés ficamos admirados por ver alguns pescadores olhando na direcção da terra, que neste caso era para estibordo e o que vi encheu-me de surpresa, porque durante duas viagens que eu fiz anteriormente nunca tinha visto nada assim, apesar de alguns pescadores dizerem que em anos anteriores já terem coisa igual. Era um mar branco de gelo que se avistava sem fim, e o que era mais interessante era que todo o lado de bombordo, não se via qualquer gelo.

Lá longe víamos os cumes brancos da Gronelândia e o gelo que avistamos para estibordo era de um glaciár, assim explicava o imediato a alguns pescadores, que estavam com ele à ré. É de notar que navegamos a duas milhas fora do banco de gelo, mas não avistamos o mais pequeno iceberg, nem à proa do navio nem por fora, só via aquele mar imenso de gelo eram como torres de uma igreja, mas também havia outros mais pequenos.

Pus-me a ouvir o que o imediato dizia aos pescadores que o rodeavam, e a explicação que nos deu foi que este gelo vinha de um rio que no lugar de ter água tinha gelo que descia das montanhas para um desfiladeiro transformando em rio de gelo que corria para o mar muito devagar, que se ia acumulando junto à costa e que os mares e o vento levavam para sul e que acabavam de derreter quando chegavam a águas mais quentes. Era o que chamamos de glaciár e como este havia mais alguns na costa da Gronelândia e que despejam constantemente gelo para o mar, e era isto que estamos a ver agora.

É verdade que mais a norte víamos vários icebergues que vinham com as correntes dos mares para sul, mas era pouca coisa comparado com o que via agora. Continuamos a navegar com bom tempo, mar chã e sem vento, e se não houvesse nada pelo contrário chegaríamos à baía, lugar onde íamos pescar, antes do meio-dia. Navegamos a par do banco de gelo durante toda a semana, onde me mantive sempre à ré a vê-lo e quando bateu Meio-dia fomos jantar. Depois do jantar tornamos a ir para o convés onde conversamos e admirar o que estávamos vendo e a pensar como seria se nos tivéssemos metidos no meio de tal confusão.

Mais tarde o gelo não era tão compacto, já havia muitas clareiras, e era de prever que quanto mais para norte fomos andando o gelo iria desaparecer. Efectivamente, por voltadas cinco horas deixamos de ver gelo a estibordo e não havia mais nada entre nós e os picos cheios de neve da Gronelândia.

4 DE JUNHO DE 1952

Navegamos toda a noite com bom tempo e sem ver mais gelo ao redor de nós. O mar estava calmo e não caía a mais pequena aragem e os homens sentados ao redor da mesa do rancho, davam os últimos preparativos para que no dia seguinte estivesse tudo em ordem quando o capitão desse a ordem para arriar os dóris. Outros pescadores contavam histórias do primeiro dia de outras campanhas e como tínhamos sido boas ou más. O capitão mandou dizer pelo contra-mestre que em virtude de estar bom tempo, que os quartos tinham terminado e que o navio navegaria só com o homem do leme, junto com oficial de quarto, que neste caso seria o imediato ou o contra-mestre, e os dois homens de vigia.

Alguns pescadores já estavam a dormir, depois da ceia, pois que amanhã seria um dia de trabalho, pois concertes estaria bom tempo os botes teriam que ser lançados ao mar e os pescadores teriam que ir pescar, só se pedia bom tempo e que houvesse muito bacalhau para que se carregasse o navio o mais depressa possível, mas para que tudo corresse bem era preciso que houvesse saúde, bom tempo, e muito bacalhau.

Acordei de manhã as oito horas e pelo modo como o navio navegava, estava bom tempo, e eu estava certo, pois enquanto o ajudante de cozinha punha na mesa os pratos para o almoço, subi as escadas do rancho, vim para o convés, onde estavam alguns pescadores a por os aparelhos nos seus devidos lugares, pois não levaria muito tempo para chegarmos à baía, que era o primeiro pesqueiro que encontramos, vindo do sul e concertes teríamos, segundo notícias vindo da ré trazidos pelo homem do leme, que arriara-mos os botes depois do meio-dia. Navegamos com terra à vista por estibordo, eram altas montanhas cobertas de neve que não me surpreendia, pois na Gronelândia quer seja verão ou Inverno as montanhas estão sempre cobertas de neve e sem qualquer vestígios de árvores excepto uma pequena área a beira-mar onde crescia alguma erva.

Depois do almoço, que foi arroz doce e café também houve queque, que é um bolo doce com passas secas, foi dado o farnel aos pescadores que foi pão com conserva de atum. Café nas garrafas de calor, que levavam no foquim, e que lhes ia servir de jantar, pois que a próxima refeição que teriam a bordo seria quando acabasse a escala.

Eram dez horas quando o moço da câmara veio chamar os moços que era para safarmos o isco do frigorífico, pois que estávamos quase a chegar ao banco, provavelmente dentro de duas horas.

Depois de trazermos o isco para o convés, distribuímos aos pescadores meio bloco de sardinha, que eles e que eles cortavam em pequenos pedaços que era para iscar os anzóis. É de notar que como havia pescadores novos a embarcar pela primeira vez no “Oliveirense”, o capitão na distribuição do isco, trazia uma tábua com o nome de todos os pescadores, mas depois de conhecer todos os pescadores, não mais usou esta tábua, pois começou a conhecer todos.

Os primeiros pescadores que recebiam o isco e depois de cortado em pequenos pedaços, foram iscando algumas linhas, porque como as águas na baía correm muito era preciso que o aparelho chegasse ao fundo e por isso o bote não garrasse muito. **Pag. 27**

Era perto do meio-dia, já os pescadores tinham recebido o isco e cortado quando o capitão deu ordem ao Sr. Fernando, que era o primeiro maquinista, para que o navio ficasse ancorado. Depois que o moço da câmara deu o mata-bicho aos pescadores, o capitão mandou arriar os botes dizendo a frase de costume que era, Vamos arriar com deus.

Os pescadores já estavam no lugar onde estavam os seus dóris, começaram a içá-los e arriá-los para fora da borda, depois o seu dono punha a vela e o cesto do trol dentro do dóri saltava para este e ao mesmo tempo que se benzia; arria com deus. Depois de

arriados os botes, içavam as suas velas, pois que estava uma pequena aragem, para largarem os seus aparelhos ao lado um do outro. Eu como os restantes moços e os outros da tripulação do navio e que não eram pescadores, como o ajudante de cozinha, o primeiro e segundo motorista ajudavam os pescadores a arriarem os últimos dóris.

Depois de arriados todos os dóris tratamos de arrumar o navio, limpar o convés, pois como os pescadores cortavam o isco na borda do navio, esta estava toda suja e as cabeças das sardinhas espalhava-se por todo o navio. Preparamos os bicheiros, que serviam para tirar as bocas da proa dos botes, e que estavam guardados no porão, assim como assim como os garfos, enfim começamos a preparar tudo para que quando o capitão dessa ordem para içar a bandeira para chamar os dóris, estivesse tudo a postos e todos estivessem nos seus devidos lugares. Como os pescadores iam dar só um lanço já sabíamos que o capitão mandaria içar a bandeira a chamar os dóris, lá pelas quatro horas da tarde, porque por esta hora os pescadores já teriam a maior parte dos seus aparelhos recolhidos.

Efectivamente eram quatro horas da tarde quando foi içado a bandeira e os pescadores que já tinham recolhidos os seus aparelhos, içaram as suas velas e começaram a vir para bordo do navio, isto é levantar a âncora, pois havia botes para sotavento, que não podiam chegar a bordo rapidamente, por terem largado os seus aparelhos a sotavento, andamos duas milhas e depois largamos a âncora, quando alguns botes já estavam ao redor do navio e se preparavam para abordar. Depois do navio ancorado, os botes acostaram e começaram a descarregar o bacalhau, depois o capitão o ter apontado na sua tábua, o peixe que o pescador trazia. Depois de descarregado o pescado, o dóri era içado até à borda, O pescador saltava para o convés, e então era içado para a pilha, onde lhe tiravam o cesto do aparelho, o foquim, que era onde o pescador levava o seu farnel, a vela e desarmavam os bancos e os quetes que era para tirar o outro bote em cima até perfazer seis, que era quanto levava uma pilha, depois eram amarrados às argolas que estavam fixas no convés. Depois de pouco mais de metade dos botes estarem a bordo, o capitão mandou comer a primeira mesa, dizendo aos escaladores que levassem os troteiros e as partes das cabeças, que depois armariam as suas equipas para começarem a escalar o pescado, enquanto que os outros pescadores que iam chegando, junto com os moços o ajudante de motorista e o próprio imediato, iam içando os botes. Quanto `pesca não se pode dizer que fosse má, mas esperava-se que neste primeiro dia de pesca na Gronelândia fosse melhor, mas ainda assim apanhou-se cem quintais, a que entendendo a que se deu só um lanço, podia-se considerar boa.

Eram já sete horas da tarde quando foram içados os últimos botes, entretanto os primeiros pescadores que tinha ido comer já estavam a escalar o bacalhau e os pescadores que tinham chegado por ultimo foram por sua vez comer, enquanto nós os moços que já tínhamos comido antes de ser içado a bandeira para chamar os botes, era o que se fazia normalmente, começaram a ir para os seus lugares nos quetes para tiraram as línguas e as caras do bacalhau.

O bacalhau na Gronelândia é mais pequeno do que na Terra Nova e cem quintais pescados na Terra Nova, aqui na Gronelândia levava mais uma hora a escalar, razão porque aqui temos muito mais trabalho, pois que quando apanhamos duzentos quintais levamos mais de seis horas a escalar, enquanto a mesma quantidade na Terra Nova levaria só quatro horas.

Acabamos a escala às onze horas, guardamos as linguas, as caras, e as espinhas maiores, a que depois tiraríamos os Samos no corredor, despimos as roupas de oleado e fomos comer a chora.

12 de Junho de 1952

À pesca não nos estava a correr nada bem. Numa semana de pesca na baía só pescamos trezentos quintais, e só pescamos três dias, porque os outros quatro dias estiveram brisa forte de sudoeste. Os pescadores estavam descontentes, porque além do mau tempo e do pouco peixe que se pescava, também o isco não os ajudava, porque como se está a gastar o isco que estava no porão coberto com farelo de serra, estava estragado e a descongelar-se e a ficar mole e amarelo.

Murmurava-se entre os pescadores, que o capitão teve culpa em meter aquela isca a bordo, já estragada, porque se sabia que outros capitães a tinham recusado e por isto receberam isco mais fresco, enquanto o nosso capitão a tinha aceite e por isto os pescadores além do mau tempo, diziam que esta isca não era boa para apanhar bacalhau por estar mole, amarela e estragada. Como estava vento sudoeste, porque na Baía fazia sempre muito mau tempo, também os mares corriam muito, por isto mesmo mandou levantar o ferro navegamos para o Norte para um pesqueiro que se chamava Filas, onde fazia melhor tempo, o fundo era mais baixo e as águas não corriam tanto, o que fazia que os pescadores fizessem menos esforços para alar os seus aparelhos, também as coisas neste banco não correram melhor, havia muitos dias de mar perdidos e quando havia bom tempo o peixe era pouco, mas sabia-se que alguns navios que estavam a pescar ao pé de nós tinham melhores pescas do que as nossas e portanto deitavam culpas ao isco que com o tempo ia deteriorando mais.

O Capitão mostrava-se insatisfeito e criticava os nossos pescadores que não queriam trabalhar e o que queriam era só comer e dormir.

As coisas estavam muito más a bordo ao ponto que quando arriavam e se apanhava pouco peixe, o capitão fazia uma lista com o pescado que os outros navios pescavam ao pé de nós, e punha esta lista à proa no mastro do triângulo na parte que ficava no rancho, e punha também o que os nossos pescadores pescavam, que era sempre menos do que estes navios, e com palavras insultuosas a chamar nomes feios aos pescadores.

Os pescadores ao leram esta lista ficavam incomodados e diziam que a culpa não era deles, pois que largavam para o mar os seus aparelhos, e se não traziam peixe era porque o capitão não punha o navio num bom pesqueiro, ou então era a nossa isca que não prestava.

No ar andava o descontenta mente e estava-se a chegar ao ponto de rotura com o capitão, porque este abertamente acusava os pescadores de não serem bons profissionalmente, estes por sua vez diziam que largavam os seus aparelhos para o mar como os outros faziam, e se não apanhavam peixe era porque largavam os seus aparelhos onde os outros já tinham pescado, ou então era porque o isco estava estragado.

Um dia de fraca pesca, o capitão mandou o moço da câmara, com uma lista de todos os navios que estavam a pescar no mesmo banco, todos eles tinham pescado mais do que nós, mas que também estava escrito que mais valia os nossos pescadores estarem a dormir, porque não queriam trabalhar e que na próxima campanha ia fazer uma escolha e despedir todos os pescadores que a seu ver não queriam trabalhar. Note-se que os melhores pescadores do Oliveirense, como o Manuel Botas, o Isidoro, o tio Manuel tachinha, o tio primo, o João Garanhão e outros pescadores que ficavam entre os melhores e que também estavam a pescar pouco em comparação com anos anteriores, que também culpavam o capitão por estes estado de coisas, por não ter sabido escolher o isco e ter recebido o que lhes enviavam os fornecedores e não ver que o isco estava ou não em boas condições. Ninguém punha em causa o saber do capitão José Ré, que já tinha dado provas de ser um bom capitão, mas que neste caso fora negligente ao receber esta isca apesar dos avisos dos pescadores que lhe disseram que havia capitães que tinham recusado esta mesma isca que nós estaríamos a receber.

Neste dia que falamos, pescamos sessenta quintais e os pescadores depois de comeram foram para os seus postos de trabalho, os escaladores, os troteiros e os parte cabeças nas suas mesas, os salgadores foram para o porão, os moços foram para dentro dos quetes tirar as línguas e as caras, estando os pescadores todos insatisfeitos com a pesca, dizendo uns para os outros que se isto continuasse assim era um mau ano, e que não se ganhava nada, pois que o ano passado por este tempo já tínhamos mais peixe pescado do que pois o ano passado o isco era melhor do que este ano e que enquanto tivéssemos esta isca, as pescas não seriam boas, pois que ela estava estragada e era imprópria para pescar. Depois de estarmos todos na faina de escalar o peixe, o capitão veio da ré com uma cópia da lista que tinha mandado para o rancho, pôs-se ao lado do Isidoro, que era o escalador que trabalhava no quede da ré e começou a ler, o que nós já sabíamos, pois todos os pescadores já tinham lido quando foram comer, foi citando os nomes dos navios que tinham apanhado mais peixe do que nós, e quando chegou ao fim da lista é que estava o nome do “ OLIVEIRENSE”, disse, e os malandros do “OLIVEIRENSE “ que querem só dormir e não trabalhar, só apanharam sessenta quintais, e o Isidoro respondeu-lhe. O Senhor está a falar comigo e o capitão respondeu, sim estou a falar contigo e com esta cambada de preguiçosos que estão aqui, que só querem é comer e dormir e são incompetentes, se há alguém aqui incompetente é o senhor, respondeu o Isidoro, porque se nós apanhamos menos peixe que os outros navios, pois que largamos o mesmo aparelho, só pode ou porque o senhor não sabe procurar melhor pesqueiro e também porque o isco não está em condições, apesar de em Sant Jonhs termos avisado o senhor que estávamos a receber o isco que outros capitães tinham recusado. A isca é toda igual, disse o capitão o mar é o mesmo, eles pescam no mesmo lugar do que nós e se não apanhamos o mesmo peixe do que eles é porque vocês são todos uma cambada de malandros e preguiçosos. A conversa estava a ser mais azeda entre o capitão e o Isidoro e se continuasse assim acabaria mal, o capitão que ficou furioso com a resposta do Isidoro, disse-lhe, olha lá o que estás a dizer, porque eu sou o capitão e se continuares a tratar-me desta maneira, vou participar de ti ao “GIL EANES” vais preso e passas o resto da campanha lá. E o Isidoro, que ficou furioso com aquilo que o capitão lhe disse, e porque achava que toda a culpa era do capitão que devia de ter o cuidado em rejeitar o isco que não estava em boas condições, respondeu-lhe, faça isto, e eu com esta faca corte-lhe o pescoço. E ao mesmo tempo brandia a faca que tinha na mão, pois era escalador. Toda a gente, respondeu-lhe o capitão é testemunha disto que estás dizendo, pois estás me a ameaçando a cortares-me o pescoço com esta faca e por isto vou participar de ti amanhã, não vais arriar, pois vou chamar o “GIL EANES”, e dizendo isso retirou-se para a ré para o seu comando.

Enquanto se dava esta discussão entre o capitão e o Isidoro, todos os pescadores tiveram calados, ninguém se meteu na conversa, que foi só entre os dois e que teve o desfecho que já referi.

Acabada a escala, todos se retiraram para o rancho, onde depois de lavarem a mãos e a cara, comeram a chora e onde alguns pescadores mais velhos começaram a falar uns com os outros para arranjar maneira de ajudar o Isidoro, se por acaso o capitão levasse avante as suas ameaças contra este que era participar deste ao “GIL EANES”, Entre estes pescadores estava o Tio primo, que era um pescador de Setúbal, o Tio José Prenda que era de Afurada, o Tio João Cabral que era de Santa Clara São Miguel, o Manuel Tachinha que era da Calheta, igualmente de São Miguel, o João Gafanhão da Nazaré, o Manuel Faria da Povia de Varzim e mais alguns outros que eram os homens mais respeitados do navio. Depois de alguma discussão entre os pescadores, o que fariam quando no dia seguinte receber o isco, ficou resolvido o seguinte, o Isidoro iria à frente receber o isco e atrás dele iria o tio Manuel Tachinha e o tio João Cabral e depois os

restantes pescadores em fila, que era o costume que se fazia quando se ia receber o isco, mas que desta vez o Isidoro ia à frente, e se o capitão não autorizasse que ele recebesse o isco, os outros a seguir não recebiam com o argumento que o Isidoro estava na frente e que só receberiam depois dele receber.

No dia seguinte o homem da vigia veio dar os louvados, o cozinheiro tocou o sino para o almoço, os homens começaram a sair dos seus beliches, enquanto os moços iam como de costume tirar o isco do frigorífico e trazê-lo para o convés para se distribuir pelos pescadores na presença do capitão, que como de costume assistia à distribuição e dava aos moços a ordem para darem aos pescadores a quantidade necessária para dois lanços, porque que quando era para dar só um lanço, o isco a distribuir era reduzido para metade.

Depois do almoço os pescadores vestiam as suas roupas de oleado, preparavam o foquim com a sua merenda que consistia em peixe frito, pão e café, depois munidos das ceiras em que iam levar o isco para iscar os seus aparelhos, dirigiam-se para ré do navio em fila com o Isidoro à frente, como havia sido combinado, este entregou a sua ceira ao moço que distribuía o isco, que neste caso era dado quarenta sardinhas, que era o costume quando se dava dois lanços, o capitão disse então ao moço, que se preparava para dar o isco ao Isidoro.

O Isidoro não arria até chegar o “GIL EANES”, pois ele está de castigo, pode ir para o rancho e venha o seguinte receber o isco.

O pescador seguinte que se seguia, como de combinado, era o tio Manuel Tachinha, que respondeu assim; Sr. Capitão. Eu não posso receber o isco à frente do Isidoro, pois que ele está à minha frente, só a recebo se ele a receber, pois é costume quem está na frente a receber primeiro, e só depois é que se recebe o seguinte, que neste caso sou eu, e estou pronto a receber o isco se primeiro o Isidoro receber.

Então o Capitão disse, se não queres receber o isco sai daqui e vai para a proa pois que além do Isidoro também vou participar de ti com desobediência em não querer receber o isco.

Respondeu o Tio Manuel Tachinha que não se estava a recusar de receber o isco, simplesmente só recebia depois do Isidoro, pois ele estava à minha frente. O Capitão mandou vir o pescador seguinte, que era o tio José Bento, pescador da Afurada, e que era o pescador mais respeitado a bordo do “OLIVEIRENSE”, que disse ao capitão que só recebia o isco depois dos dois primeiros a receberem, pois que estava a seguir a eles, ao que o capitão respondeu que fosse para a proa juntamente com os dois primeiros, pois que também iria participar dele, e mandou vir o seguinte, que era o Tio José Prenda, que também se recusou a receber o isco, sem os primeiros a receberem.

O capitão virou-se para os restantes pescadores e perguntou-lhes se alguém queria receber o isco, ao que ninguém lhe respondeu.

Então ele disse, já vejo que foi tudo combinado, que ninguém quer receber o isco, portanto vão todos para a proa que eu vou chamar o “GIL EANES”, pois que além do Isidoro já tenho mais oito para eu participar e serão todos castigados. Os pescadores retiraram-se em silêncio para o rancho, despiram as suas roupas de oleado, porque mais tarde iriam combinar, aqueles que fossem chamados ao “GIL EANES”, o que iriam dizerem em suas defesas e ajudar o Isidoro.

Nós os moços fomos fazer o serviço que fazíamos todos os dias após arriar os do ris, só que neste dia não se arriou, e que era tirar os Samos das espinhas salgadas assim como as línguas e as caras.

Depois de pronto este trabalho fomos fazer a limpeza do navio, fazia-mos a baldeação, esfregamos o convés, que nesta altura já estava a criar limo, portanto tinha-mos que

escová-lo bem com vassouras de piassabas e retirando o limo para melhorar a segurança a bordo.

Depois de tudo pronto e em ordem, fomos perguntar ao Senhor Fernando, que era o primeiro maquinista e responsável pelos trabalhos no porão e pela salga do bacalhau, se tínhamos trabalho no porão, e ele disse que não, que fosse-mos para a prós e que se precisasse de nós, que nos chamaria.

Assim se passou o dia, estava bom tempo, os pescadores no rancho combinavam a estratégia para o dia seguinte a alteração da ordem em que os pescadores iriam receber o isco, não iriam os mesmos pescadores que seguiriam atrás do Isidoro, pois foi acertado que logo de manhã iriam todos para a ré preparados para receber o isco como de costume o faziam.

Logo atrás do Isidoro, que seria o primeiro, agora iria o Manuel Braga, pescador da Povia de Varzim, o João Gafanhão da Gafanha da Nazaré, o Tio José Bento da Afurada, o Tio João Cabral de Santa Clara São Miguel, e o Tio Etelvino Bonança, da Calheta também de São Miguel, mas que era natural do Algarve, que há muitos anos vivia nos Açores.

Estes pescadores eram os mais antigos e já embarcavam há longos anos no “OLIVEIRENSE” e que por isso era muito respeitados por todos os pescadores mais novos, tinha que ficar tudo combinado, porque já se sabia, mesmo pelo próprio capitão que seriam chamados ao “GIL EANES”, e por isso teria de ficar tudo esclarecido que iam dizer ao Comandante Ramalheira, que era quem resolvia todos os problemas que surgia entre os pescadores, e neste caso então pescadores e o capitão.

Foi combinado que só seria dito a verdade, porque dizendo só a verdade o capitão José Ré não podia acusar os pescadores sem também se comprometer.

Como nós os moços não tinham por hoje mais nada a fazer, aproveitei esta calma e bom tempo para escrever estas notas, o que me ocupou a tarde toda pois achei que era um acontecimento que devia ser descrito com alguns pormenores, era um facto pelas circunstâncias em que foi ocorrido era relevante que aparecesse neste diário.

Eram quatro horas de manhã quando o vigia de serviço veio dar os louvados, como era natural em dias de bom tempo.

Como era costume, o capitão depois da escala, e conforme a hora em que esta acabasse, dava ordem ao vigia de serviço a que horas seriam dado os louvados, mas neste dia o capitão não deu esta ordem, mas os pescadores combinaram que os louvados seriam às quatro horas e por isso o vigia foi avisado para esta hora e que apresentariam para receber o isco, como de costume, para que o capitão não pusesse na participação não quisessem arriar.

O cozinheiro, como não tivesse recebido qualquer ordem do capitão a este respeito, tocou a campainha para o almoço e serviu a merenda para os pescadores levarem consigo nos foquins.

Depois do almoço, e depois dos foquins estarem com farnel, os pescadores vestiram as suas roupas de oleado, levavam as suas ceiras para receberem o isco e foram para a ré pela ordem com estava combinado para receber o isco.

À ré estava o capitão e os moços, que ainda não tinham recebido ordens para safar o isco e estavam à espera do capitão lhes desse ordem para trazer o isco do frigorífico para o convés, para ser distribuído pelos pescadores.

O capitão, ao ver que os pescadores vinham pela mesma ordem que tinham vindo no dia anterior, isto é com o Isidoro à frente, o capitão virou-se para os pescadores e disse: já estou a perceber que a ideia é a mesma de ontem, o Isidoro não vai arriar, mas se alguém quiser receber o isco, que venha receber, pois que os moços vão trazê-lo para cima.

Ninguém respondeu, todos ficaram calados, e então virou-se para o tio Manuel Braga, que vinha a seguir ao Isidoro e disse-lhe, não queres receber o isco ao que o tio Manuel respondeu. Senhor Capitão, todos nós queremos trabalhar, pois para isto é que estamos aqui e queremos receber o isco, mas todos incluindo o Isidoro, que também tem o direito de o receber porque ele também tem família, mulher e filhos para sustentar, como o senhor já disse, o “GIL EANES” vem amanhã de manhã, e o comandante Ramalheira que o julgará, por isto pediram para arriar todos hoje.

O capitão disse que não queria mais discussões, se não querem tomar o isco fossem para a proa, que o “GIL EANES” chegaria de manhã e que tudo se resolveria, porque ia participar do Isidoro e de todos os que o apoiavam, estes também seriam todos castigados.

Os pescadores foram para o rancho, despiram as suas roupas de oleado, e juntaram-se à volta da mesa a comentar o que tinha acontecido hoje.

Nós os moços, que já tínhamos trazido o isco para o convés, voltamos a guarda-lo, fomos alguns para o rancho da proa, e outros ficaram à ré a conversar uns com os outros e com os vigias, porque como de costume quando não se arriava, a vigia continuava a correr, e era da ré para ficarem prontos para algumas ordens que o capitão desse, e como suspender o navio para procurar melhor pesqueiro quando a pesca era fraca.

À proa os pescadores discutiam quem seria os pescadores que o capitão ia participar porque com certeza seriam os que estavam na linha da frente quando foram receber o isco e que disseram ao capitão que só receberiam depois do Isidoro a ter recebido.

Foi decidido que tinham que dizer os factos como foram passados, e não inventar nada, porque dizendo a verdade, todos diriam o mesmo, com certeza que não ia ninguém preso, pois que eram precisos pescadores para pescar, e se houvesse algum castigo, isto seria dado em Portugal.

O tempo continuava bom, depois do meio-dia, se não houvesse nada para fazer, talvez fosse para o meu beliche por o meu diário em dia, pois com certeza amanhã depois de vir o “GIL EANES” ficaria tudo resolvido e que quando se arriassem os botes, não haveria muito tempo para escrever.

Assim se passou mais um dia sem se fazer nada, alguns pescadores falavam uns com os outros do que tinha acontecido nestes dias e das consequências que iriam ter.

No dia seguinte, eram quatro horas de manhã quando foram dados os louvados e os pescadores foram saindo dos seus beliches e foram se sentando ao redor da mesa para tomar o pequeno-almoço.

Sabia-se que o “GIL EANES”, chegaria por volta das oito horas, e como não havia ordens para os moços darem o isco, com certeza que os pescadores arriavam depois do julgamento, pois era certo que além do Isidoro, alguns pescadores iriam a bordo do “GIL EANES”, principalmente aqueles que tinham falado com o capitão e que lhes responderam, portanto estes já estavam preparados para ser chamados.

Estavam esperançados, por terem ouvido os pescadores de outros navios, que também tinham sido chamados ao “GIL EANES”, que o capitão Ramalheira era um homem justo, mas ia meter na prisão, até porque os pescadores eram precisos para pescarem, e o mais que podiam sofrer era no ano seguinte serem dispensados, e não embarcarem mais.

Os moços depois de tomarem o café, foram para ré para receber ordens, mas como ninguém lhes disse nada, deixaram-se ficar, pois que já ao longe se via o “GIL EANES” e provavelmente dentro de uma hora já teriam ancorado junto a nós.

O capitão mandou o imediato à proa com uma lista onde constava os nomes dos pescadores que iria ao “GIL EANES”, com o Isidoro, e que eram o Tio Manuel Braga da Povia de Varzim, o Tio Primo de Setúbal, o José Prenda de Afurada, o Tio Manuel Tachinha e o Tio João Cabral, ambos de São Miguel, e o João Gafanhão da Gafanha de

Nazaré, António Passos da Afurada o José Braga e o Pai deste e o Joaquim da Graça, da Fuzeta.

Estes pescadores ao serem nomeados pelo imediato, vestiram e depois vieram para ré à espera que viesse o baleeiro do “GIL EANES”, que entretanto tinha fundeado junto de nós.

Depois veio a baleeira, o capitão chamou o Isidoro e foram ambos para o “GIL EANES”, ficando os outros pescadores à espera, depois de uma hora de espera veio de novo a baleeira para levar os outros pescadores que o imediato tinha chamado e que iriam responder perante o comandante Ramalheira, das acusações que o Senhor capitão lhes fizera.

Eram dez horas, quando a baleeira, com quatro tripulantes, trazendo o capitão José, atacou ao “OLIVEIRENSE”, onde o capitão desembarcou, e ao chegar a bordo mandou o contramestre dizer ao cozinheiro que preparasse o foquim com o farnel, pois que depois do meio-dia iriam arriar.

Alguns pescadores que estavam no convés foram para a cozinha, onde já estavam alguns pescadores que já metiam nos foquins peixe frito, pão e café, depois vestiam as roupas de oleado e trazendo as suas ceiras preparavam-se para receber o isco que os moços iam trazendo do frigorífico.

Entretanto a baleeira que tinha trazido o capitão, e que depois tinha voltado para o “GIL EANES”, voltou agora para bordo do “OLIVEIRENSE”, trazendo o Isidoro e os pescadores que tinham lá ido, saltaram para bordo, e o capitão disse pelo altifalante, que todos se preparassem para arriar, menos o Isidoro, pois que este iria ficar a bordo de castigo.

Depois de todos receberam o isco, os pescadores que o tinham recebido primeiro, iam cortando em pequenos pedaços, para os porem nos anzóis, o moço da câmara veio dar o mata-bicho, e era já uma hora da tarde quando o capitão deu ordens para arriar os botes. Continuava bom tempo, os pescadores começaram a arriar os botes em silencio remaram cada um para o seu lado, pois que não caia a mais pequena aragem para içar as velas, para depois começarem a largar os seus aparelhos.

O que tinha passado a bordo do “GIL EANES”, ninguém comentou, ninguém disse nada, o Isidoro foi para o seu beliche, não falou e nunca ninguém soube o que se passou a bordo do “GIL EANES”. Dos outros pescadores que também foram ao “GIL EANES”, também nunca disseram nada, pelo menos eu nunca ouvi nada enquanto o Senhor capitão José Ré foi capitão do “OLIVEIRENSE”.

O tio João Cabral, depois de muitos pedidos, é que me disse por alto o que aconteceu entre os pescadores que foram a bordo do “OLIVEIRENSE” e o senhor capitão Ramalheira, pois que este os tinha recebido todos juntos, ao passo que o Isidoro tinha sido ouvido sozinho.

O capitão Ramalheira, disse-me o tio João Cabral, recebeu bem, perguntou-nos quem era o mais velho entre nós, e eu respondi-lhe que era eu.

Ele perguntou-me o que tinha acontecido, e eu contei-lhe a verdade, não tinha intenção de prejudicar o capitão nem o Isidoro, o comandante Ramalheira ouviu-me e depois disse-nos que não tinha intenção de castigar ninguém, pois que bastavam os seis meses que estavam no mar, fora das famílias, mas que dava a opção ao senhor capitão José ré para o ano os querem ou não dispensar os nossos serviços como pescadores.

O capitão Ramalheira disse-nos que podíamos ir para o “OLIVEIRENSE”, que o capitão iria dar ordens de todos arriaram, menos o Isidoro, que iria ter um dia de castigo. Foi isto que o tio João Cabral me disse.

No ano seguinte o capitão José Ré não dispensou nenhum dos pescadores que tinham ido ao “GIL EANES”, excepto o Isidoro, que sempre disse nunca mais embarcaria com o capitão José Ré.

A pesca neste dia foi de sessenta quintais, o que foi pouco, por isto enquanto se começava a escala, o capitão mandou suspender o navio mais para norte para um pesqueiro chamado “ Filas”.

AGOSTO DE 1952

Estamos nos bancos da Terra Nova. Os tempos tem corrido muito maus, tem havido muitas brisas, e quando arriamos temos apanhado pouco peixe tem havido ciclones, e já fomos arribado a Sant Jonhs fugindo a um ciclone.

Vimos da Gronelândia nos princípios de Agosto, porque havia noticias que havia bastante bacalhau nos bancos da Terra Nova, pois como na Gronelândia havia muito mau tempo e o peixe era pouco, o capitão resolveu, junto com outros navios, vir para o grande banco para ver se pelo menos salvava o ano, e se ao menos apanhássemos oito mil quintais seria muito bom, porque que como o carregamento completo era de nove mil quintais, com oito mil num ano mau como este, salvamos o ano.

Estavam no Grande Banco o “Gazela” o “ Hortense”, o “ Terra Nova”, e o “José Alberto”, connosco veio o “ São Jorge”, o “São Jacinto”, e o “ Inácio Cunha”, e soube que vinham também o “São Rui”, o “ Argus” e o “Crioula”, mas alguns ficaram na Gronelândia, como o “ D. Dinis “ o “ Celeste Maria”, e ainda outros navios, que como tinham tido mais sorte ainda esperavam acabar o carregamento e ir directamente da Gronelândia para Portugal.

Assim que chegamos à Terra Nova Ancoramos o navio onde já estavam outros navios num pequeno banco a que chamavam “ Roks” e onde todos os botes pescavam juntos muitas vezes os aparelhos se enrolavam uns nos outros.

A pesca neste banco era muito trabalhosa, porque centenas de botes a pescar num sítio tão pequeno e que muitas vezes dois ou três aparelhos se enroscavam e levava horas a desenroscar os aparelhos.

Com Tantos Navios, e seus respectivos botes a pescarem em tão pequeno banco, era mais que certo que o bacalhau escasseasse, e as tão apregoadas pescarias que se faziam com três ou quatro navios, agora com aqueles que tinha chegado da Gronelândia, as boas pescarias tinham acabado, pois era raro o dia em que apanhamos oitenta quintais, e também o mau tempo que fazia não se pescava e por isto andava toda a campanha desanimada porque viam que as coisas corriam mal.

Já disse atrás, que com tantos navios a pescaram no mesmo banco, as pescas diminuíram, e ainda o mau tempo que constantemente se fazia sentir, fazia com que perdêssemos a esperança de carregar-mos o navio e que também os ganhos seriam poucos.

Com respeito à relação do capitão e os pescadores, depois do episódio do “GIL EANES”, o Isidoro esteve um dia sem arriar, era ao contrário do que esperava, apesar do mau tempo e da fraca pesca, era excelente o que muito admirava os pescadores que esperavam que depois dos factos ocorridos o capitão não tivesse um bom relacionamento com os pescadores tal não aconteceu, e depois deste dia o capitão teve um comportamento que nos admirou a todos, porque desde este dia, começou a conversar mais com os pescadores, principalmente com aqueles que tinham ido ao “GIL EANES”. Falava com toda a gente como nada se tivesse passado, nunca mais falou deste episódio, parece que tudo se tinha esquecido e a vida realmente corria como se nada tivesse acontecido.

Só com o Isidoro, é que o capitão nunca mais falou, apesar de se encontraram muitas vezes à ré, tanto a receber o isco ou a fazer o seu quarto de leme.

Com respeito aquilo que se passou com os pescadores que foram ao “GIL EANES” falar com o comandante Ramalheira, apesar de interrogados por outros pescadores que não se passou nada e que só responderam ao comandante **Ramalheira, os factos tal e qual como se tivesse passado.**

Eu que era a única pessoa a bordo que escrevia umas linhas, o que era sabido por todos, falei algumas vezes com o tio Manuel Tachinha e o tio João Cabral, e pedi para me dizerem o que se tinha passado, eles responderam-me que agora não me diriam nada, mas que um dia me contariam tudo o que se passou no GIL EANES.

Estamos há quinze dias no grande banco e já tínhamos arribado duas vezes a Sant Jonhs por terem sido anunciados ciclones, mas que felizmente não passaram por aqui, por se terem desviado para Nordeste.

Temos pescado pouco se não era devido ao mau tempo, era o peixe que não aparecia. Hoje não se arriu por estar brisa e anuncia-se que mais para Sul está muito mau tempo, e havia navios que tinham ido para Sant Jonhs com medo que fosse formado um ciclone. O nosso capitão sabia desta tempestade, mas como outros capitães que tinham ido para terra por duas vezes, mas que o ciclone não tinha passado pelo grande banco, e desta vez tinha a esperança de escaparem ao temporal.

O vento começou a soprar forte de Nordeste, estávamos ancorados com o motor a ajudar a amainar, já não era possível ir para Sant Jonhs, e só nos restava a esperança de não apanharmos o mau tempo que este se desviasse para Nordeste.

De tarde o capitão mandou o contramestre segurar os botes e acautelar tudo o que estava em cima do convés, porque o tempo podia piorar ainda mais e podíamos que ter de suspender o navio e po-lo de capa. Pelas dez horas da manhã o capitão mandou suspender o navio para por de capa, o vento não acalmava e pelo contrário estava cada vez pior.

Depois de suspender o navio, foi içado o triângulo e pôs-se o navio de capa.

AGOSTO DE 1952

Foram postos cabos da proa à ré do navio, para que os homens passassem com alguma segurança. Com o amanhecer, via-se outros navios que também estavam de capa e por não terem ido para terra, também estavam a apanhar o mau tempo que não tinha parado de aumentar.

O Capitão avisou o imediato que pusesse o homem de quarto de prevenção, pois que a todo o momento podia ser preciso fazer manobras. No quarto do imediato estava o Isidoro e o tio Manuel Tachinha, assim como o tio primo, que era homem do leme e quando havia mau tempo estavam sempre à ré assim também como outros pescadores mais antigos.

Depois do almoço, eu também vim para a ré, assim com outros moços entre os quais estava o Rui que era natural da ilha do Faial e que era um dos melhores amigos que eu tinha a bordo do OLIVEIRENSE, podia-se dizer que éramos quase como irmãos, pois estivemos juntos em Lisboa na escola profissional de pesca de Pedrouços.

O navio estava-se a portar bem, e apesar de o mar galgar constantemente a borda, não tinha havido até agora nenhum prejuízo, só o triângulo é que se tinha partido, mas isto não fazia nenhuma falta. tínhamos que aguentar de capa até poder-nos e só poríamos o navio a navegar em popa se o mar e o vento fossem aumentando.

Havia navios ao redor de nós, o que seriam perigosos e fosse preciso fazer qualquer manobra e por isto fazíamos o possível para estarmos o mais afastado que pudéssemos.

Era meio-dia quando um navio, que depois soubermos que era o GRONELANDIA, atravessou-se na nossa proa, o mar batia no seu costado, e atravessava de lado a lado e saía no outro lado, nós a sotavento ouvíamos os gritos da tripulação havendo perigo de abalroamento entre os dois navios porque enquanto o GRONELANDIA vinha

desgovernado, nós ainda estávamos de capa, e o perigo era iminente para os dois navios, foi então que o Isidoro, que estava à ré junto com outros pescadores ao ver que o capitão estava indeciso, sem dar qualquer ordem, ele então tomou a iniciativa, e imediatamente deu ordem a alguns pescadores que fossem à proa e imediatamente içassem a vela da polaca. Enquanto outros à ré e simultaneamente arreassem o triangulo, que era para por o navio a correr em popa o mais depressa possível sem causar danos no navio, porque era uma manobra muito perigosa, mas era a única possível, dado ter que atravessar o navio à vaga do mar, e só a rapidez da manobra iria por o navio a correr em popa sem perigo.

Apesar da rapidez com que foi feita esta manobra, vagas alterosas entravam no navio, enchendo de água de proa à ré e inundando o rancho, apesar de a porta estar fechada a um metro de altura, as ordens do Isidoro foram cumpridas, depois que os homens da proa começaram a içar a polaca, imediatamente o Isidoro manda arriar o triangulo mandou o homem do leme por este todo a estibordo até o navio estar com o vento pela popa, e então navegamos em arvore seca, isto é com o motor parados só andando o navio ao sabor do vento e da vaga.

Foi muito perigosa esta manobra, mas graças a Deus, e apesar do mar que galgou o navio não houve sustos de maior estamos a navegar o vento e mar pela popa e o navio não corre mais perigo.

Também o GRONELANDIA que vinha atravessado ao mar, conseguiu depois de muitas dificuldades, manobrava como nós, dando a popa ao vento e à vaga e navegamos livres de perigo ao lado um do outro.

Felizmente tivemos muita sorte, porque o ciclone mudou para nordeste, e como estávamos a navegar em árvore seca com o vento e mar pela proa, estávamos a fugir ao mau tempo.

O capitão que estava na casa do leme e que assisti a toda a manobra sem dizer nada, e ao ver que o perigo já tinha passado, virou-se para o Isidoro que estava perto assim como outros pescadores, disse-lhe obrigado por teres salvo o navio, porque sem esta manobra não sei o que seria de nós e do GRONELANDIA, porque os dois navios estavam tão perto um do outro e que havia o perigo de abalroamento.

O Isidoro respondeu-lhe que não agradecesse, pois fez o que lhe pareceu melhor, e que apesar de ser uma manobra perigosa era única nestas circunstancia podia salvar os dois navios, e que quanto ao Senhor, isto é o meu agradecimento daquilo que me fez quando me impedi de ganhar o meu pão e participar de mim de outros pescadores ao comandante do GIL EANES para que nos castigasse, portanto não tem nada que me agradecer porque aquilo que fiz foi para bem do navio e de todos os tripulantes e suas família, coisas que o senhor nunca pensou.

O capitão não lhe respondeu e durante o resto da campanha nunca mais se falaram, comigo deu-se um caso, que eu resolvi notar aqui. Quando da manobra para por o navio em arvore seca, este atravessou ao mar e galgou o navio com grande estrondo, enchendo o navio de água da prós à ré, e nesta ocasião em que estava à ré com outros pescadores, incluindo o Rui, veio para os meus pés uma bóia salva vidas, que tinha sido arrancado da casa do leme, peguei nela, como se uma bóia me servisse de alguma coisa, se o navio naufragasse, porque naquela ocasião gritavam por que o navio estava a ser inundado por vagas alterosas, que embatiam no convés com estrondo, então o Rui ao ver-me com a bóia disse-me. Talvez julgues que se o navio afundasse com esta bóia te podes salvar, enganas-te pois se houver esta calamidade, ninguém se vai salvar.

Eu não respondi, até porque o mar já entrava no navio com menos intensidade, tinha por enquanto passado o perigo, por isto pus a bóia no lugar em que estava antes de ter caído e começamos a conversar sobre o que se tinha passado e como tínhamos corrido grande

perigo. Como ninguém tinha comido a horas, porque o mau tempo não permitiu o cozinheiro de fazer a comida, fomos para o rancho onde alguns pescadores já estavam a comer pão com chouriço peixe frito, o cozinheiro fez café. Porque com o balanço do navio ele não podia fazer mais e assim a tripulação fez a sua refeição.

Apesar das vagas alterosas caíram no convés sem qualquer perigo para o navio, e podíamos estar agora mais tranquilos, e não se comparava em nada quando foi da manobra de por o navio a navegar em árvore seca.

Os quartos foram postos a funcionar e do meio-dia às Seia, foi o quarto do capitão, no qual era substituído sempre pelo contramestre, apesar disto o capitão, sempre que possível estava sempre presente nos dois quartos. Continuamos a navegar ao sabor do vento e do mar, o temporal não aumentou e pelas noticias que tínhamos de outros navios, tinha a esperança que tudo ia correr bem, pois que o ciclone estava-se a desviar para leste a que nos dava garantias que o tempo iria melhorar.

Navegamos toda a noite, para sul não víamos qualquer navio próximo de nós, alguns navios incluindo o GRONELANDIA. Também andavam a navegar par sul embora por notícias que aguentaram o ciclone de capa, que o tempo estava a melhorar.

De manhã o tempo pareceu estar melhor, as vagas já não caíam com estrondo em cima do convés. E o vento não parecia tão forte, quando começar a melhorar mais, virássemos o navio de proa para o vento e ficaríamos de capa e ficasse em condições de navegar para o banco.

Efectivamente depois de amanhecer e o tempo a melhorar, o capitão mandou o contra mestre arriar o triângulo para substituir os dois arcos que se tinham partido, pois íamos por o navio de capa e se o tempo permitir navegamos para norte.

Depois de o triangulo de estar em condições de ser usado o capitão que estava rodeado de vários pescadores prontos para qualquer manobras, mandou içar o triangulo, ao mesmo tempo foi dado ordem ao homem do leme que virasse o navio para estibordo, o navio rapidamente virou de proa ao vento e à vaga e desta vez sem qualquer perigo, porque o tempo já estava muito melhor.

Entretanto com o tempo a melhorar e o vento a rondar par sudoeste, foram içados os panos da proa, e o navio começou a navegar para noroeste, embora só a três milhas à hora.

Depois do meio dia, o capitão tirou a altura ao sol e fazer o ponto da situação, foi-nos dito que em quarenta horas a navegar em arvore seca, navegamos para sul quatrocentas milhas o que para nós foi motivo de espanto, pois julgávamos que estávamos a poucas milhas fora do banco.

Entretanto com o mar mais calmo e o vento a rondar para sueste, foram içados o traquete e a vela grande, e segundo o que o capitão nos disse, íamos levar mais de dois dias a chegar ao banco, isto é o dobro do tempo a entrar no banco do que sair deste, isto é se o tempo continuar a melhorar.

Com o tempo continuasse favorável, caia uma pequena brisa de oeste e com o mar mais calmo, estamos a navegar bem e o navio está a dar sete milhas à hora, o que era muito bom, e chegamos ao banco dois dias depois com bom tempo, e como chegamos só à noite, só arriaríamos os doris amanhã.

Depois do navio ancorado, os pescadores foram por os apetrechos em ordem e eu vou aproveitar esta ocasião para escrever estas linhas porque com o mau tempo já não escrevia há três dias.

Às quatro horas de manhã, veio o homem do leme dar os louvados, disse que o tempo estava bom, e chamou os moços para trazerem o isco do frigorífico para o convés, como de costume se fazia quando estava bom tempo. Os moços já sabiam as quantidades de

blocos de sardinha a trazer para cima, pois como eram quarenta e quatro pescadores, eram preciso vinte e dois blocos.

Depois que os pescadores começaram a chegar e a receber o isco, e enquanto cortavam aos bocados para serem enfiados nos anzóis, o capitão mandou o motorista suspender o navio e navegou meia hora para estarmos mais perto dos baixos, que era onde nesta altura se pescava o bacalhau, e ancoramos à beira duma bóia, onde estava outros navios, bóia esta que servia para marcar o sitio onde os navios podiam ancorar, porque para lá da bóia o fundo era baixo, a ponto dos pescadores verem o fundo, e que seria um perigo para os navios, se por acaso passassem por este sitio.

Depois do navio ancorado veio o moço da câmara com o bule de aguardente e deu a cada um uma pequena caneca de aguardente a que chamamos o mata-bicho. Ao redor de nós estavam outros navios ancorados, alguns que se tinham aguentado de capa, e outros como nós, o BRITES o GRONELANDIA, o TERRA NOVA e os NOVOS MARES, tinham postos os seus navios para correr em árvore seca para fugir ao ciclone.

Depois de moço dar o mata bicho, o capitão deu então ordem de arriar os botes, que era sempre a mesma frase, vamos arriar com Deus, e os pescadores que já estavam nos seus lugares juntos dos seus botes, começaram a arriá-los, o primeiro bote de cada pilha era amarrado à proa, pois os seus donos eram os últimos a sair do navio, pois que como pescadores mais experientes, eram os últimos a sair do navio.

Depois de arriados o primeiro bote, o dono do bote a seguir, punha o cesto do trol o isco e a vela, então era içada no seu lugar pelos pescadores que estavam à ré e á proa, e depois arriavam para o mar, o pescador saltava para o bote e dizia; Arriai com Deus, ao mesmo tempo que se benzia.

Este diário não acaba aqui, depois de treze anos em que estive na América, este diário que eram três cadernos em que escrevi a minha primeira viagem aos Bancos da Terra Nova e Gronelândia, nunca mais os vi, desapareceram por completo e tinha muita pena porque era a lembrança escrita como moço de convés do OLIVEIRENSE, que era um lugre a motor de três mastros.

Felizmente, num dia em que eu e minha esposa estávamos a mudar um armário, encontramos os seis cadernos do diário, três como moço de convés e três como pescador verde.

Ao retirarmos a ultima gaveta onde por várias vezes já tinha procurado os diários sem nunca os encontrar, mas desta vez retiramos por completo a gaveta e encontramos caídos no soalho, os seis cadernos do diário três respeitantes ao ano de 1952 e outros três de 1953.

Infelizmente estavam em muito mau estado, o caderno que era o diário de fins de Agosto e Setembro, estavam completamente perdidos, porque para além da traça e a humidade do soalho, deram cabo das suas páginas só aproveitei os dois primeiros cadernos, mas estavam também em muito mau estado, mas resolvi a aproveitar alguma coisa, por esta razão as datas em algumas páginas não estão correctas, e alguns textos foram alterados por que os originais estavam em mau estado.

As páginas que contavam os episódios da Gronelândia e referidos ao Isidoro, estavam tão danificados que eu tive quase de rescrever tudo, e não foi possível encontrar as datas dos dias que aconteceram. Apesar de eu saber foi no mês de Julho de 1952.

Para terminar, o episódio que trata da tempestade já na Terra Nova, quando pescávamos no Grande Banco, também está escrito sem data, mas sei que se passou nos fins de Agosto, e como foi um facto que me marcou muito, foi-me fácil reconstruí-lo até porque estava dentro da minha memória.

Para finalizar, este diário do fim da campanha de 1952, digo que foi um mau ano, depois do ciclo que referi, tornou a vir mais tempestades, o que nos levou a arribar em

Sant Johns por mais duas vezes, não fazendo o carregamento completo, e viemos para Portugal no dia três de Outubro, e chegando aos açores no dia quinze de Outubro de 1952.

O diário de 1953, em que pela primeira vez embarquei como pescador, e como estava menos danificados, será quase completo apesar de ter muitas falhas, pois tive muito trabalho a decifrá-los e encontrar as datas certas.

\

Este diário foi passado no computador por Carlos Caetano filho de João Carlos Caetano

(Vou desde já passar para o computador a campanha de 1953)